

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**  
**FACULDADE UNB PLANALTINA – FUP**  
**LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEdoC**

**O GÊNERO FOLIA DE REIS E A TRADIÇÃO FAMILIAR NO DISTRITO DE SÃO  
VICENTE NO MUNICÍPIO DE BURITIS - MG**

**Maria dos Reses Pereira da Cunha Rodrigues**

Planaltina – DF

2014

**O GÊNERO FOLIA DE REIS E A TRADIÇÃO FAMILIAR NO DISTRITO DE SÃO  
VICENTE NO MUNICÍPIO DE BURITIS - MG**

**Maria dos Reses Pereira da Cunha Rodrigues**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção ao título de licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa

PLANALTINA – DF

2013

**O GÊNERO FOLIA DE REIS E A TRADIÇÃO FAMILIAR  
NO DISTRITO DE SÃO VICENTE NO MUNICÍPIO DE BURITIS - MG**

**Maria dos Reses Pereira da Cunha Rodrigues**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília - UnB, como requisito parcial para obtenção ao título de licenciada em Educação do Campo com habilitação na área de Linguagens.

**Data de Aprovação**

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Banca examinadora**

---

**Profa. Dra. Rosineide Magalhães Sousa – Orientadora - UnB**

---

**Profa. Doutoranda Ana Aparecida Moura – Membro - UnB**

---

**Profa. Mestre Catarina dos Santos Machado – Membro - UnB**

## DEDICATÓRIA

A minha família:

Filhos Tharles, Sharlenes, Jonas e Ester.

À minhas netas Valentina, Luisa e Sabrina, principalmente a meu esposo Simões pela sua compreensão.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida e a oportunidade de realizar um sonho...

A minha família, que amo incondicionalmente; pelo apoio, incentivo, carinho, atenção.

Aos meus pais, por ter me dado a vida, pelo incentivo e apoio em minhas decisões.

Ao meu pai Faustino Pereira da Cunha (In Memoriam), que sempre dizia vai em frente.

Ao meu esposo Simões, pelo apoio e compreensão da minha ausência em sua vida nesses quatro anos.

A minha irmã Isabel, pela sua colaboração na execução dos trabalhos.

As escolas municipais Santa Teófila e Nilson Alves de Souza, na pessoa da Direção.

As amigas de quarto, durante esses quatro anos: Pedra Gabriela Correa da Costa e Joelice Francisco Maia, que fizeram parte desse processo formativo.

Aos colegas da turma Dandara.

Aos educadores da LEdoC, em especial Rosineide Magalhães de Sousa e Eliete Ávilla, que sempre estiveram presentes nesse processo formativo.

A CAPES, na pessoa da Catarina.

Enfim, a todos que de uma forma ou outra contribuíram com esse processo formativo.

“Nunca tenha certeza de nada, porque a sabedoria começa com a dúvida”  
(Freud)

## LISTA DE ABREVIATURA

AMNOR - Associação dos Municípios da Microrregião Noroeste de Minas  
APPRSVBE - Associação dos Pequenos Produtores Rurais Do São Vicente  
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CNE/CEB – Conselho Nacional de Educação/Conselho de Educação Básica  
CMDRS - Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
Km – Quilômetro  
LEdoC - Licenciatura em Educação do Campo  
MEC – Ministério de Educação e Cultura  
MG- Minas Gerais  
RM - Rodovia Municipal  
Sr – Senhor  
UNB – Universidade de Brasília

## RESUMO

Ao adentrar o campo do estudo da língua, sua intencionalidade e comunicação, destaca-se a importância do presente estudo, cujo tema é “O gênero Folia de Reis e sua tradição familiar” (A Folia de Reis e seus valores na família Pereira da Cunha) do município de Buritis, Vila de São Vicente, com o objetivo geral de investigar e analisar o gênero discursivo multimodal da Folia de Reis na comunidade de Buritis, observando a estrutura sociolinguística e cultural desse gênero. Com pesquisa qualitativa, tem-se na fundamentação teórica a abordagem do método da presente pesquisa, seu eixo norteador quanto ao campo de estudo da temática, com destaque à Educação do Campo, sua evolução na contemporaneidade e sua importância e amplitude na formação das comunidades, através da valorização do homem do campo, sua cultura, língua e comunicação, salientando a Sociolinguística como base estrutural da língua, da comunicação e das características da língua como cultura e representatividade de um povo. Juntamente com a apresentação da prerrogativa dos gêneros textuais e sua definição na língua portuguesa, com estudos da análise de discurso; contribuindo para o entendimento da Folia de Reis na sociedade. Onde a principal contribuição dá-se o gênero discursivo a partir de estudos e análises das vivências da Folia de Reis, em que foliões com suas rezas, orações, músicas e falas, partícipes desta prática religiosa trazem prerrogativas que elencam o uso da língua frente a cultura e sua intencionalidade, perfazendo uma Análise de Discurso construída pelos aspectos socioculturais da língua.

**Palavras-chave:** Folia de Reis; Gênero Discursivo; Cultura; Língua.

## ABSTRACT

When entering the language field of study, its aims and communication, highlights the importance of this study, whose theme is "The Folia gender Kings and their family tradition" (The Festival of Kings and their values in the Pereira family Cunha ) in the city of Buritis, Vila de São Vicente, with the overall goal of investigating and analyzing the multimodal discursive genre of Folia de Reis in Buritis community, watching the sociolinguistic and cultural structure of this kind. With qualitative research, has the theoretical basis of the method of approach to this research, its guiding principle on the issue of field of study, with emphasis on Rural Education, its evolution and its importance in contemporary times and amplitude in the formation of communities, through the enhancement of the peasant, their culture, language and communication, stressing the Sociolinguistics as structural basis of language, communication and language characteristics such as culture and representative of a people. Along with the presentation of the prerogative of genres and its definition in Portuguese, with discourse analysis studies; contributing to the understanding of the Folia de Reis in society. Where the main contribution is given the speech genre from studies and analysis of the experiences Folia de Reis, where revelers with their prayers, prayers, songs and speeches, participants of this religious practice bring prerogatives that we list the language to the front culture and its intentionality, covering an Discourse Analysis built by the socio-cultural aspects of the language.

**Key-Words:** Folia de Reis; Gender Discourse; culture; Language.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO I: METODOLOGIA DE PESQUISA</b> .....	13
1.1 Pesquisa qualitativa.....	13
1.2 Objetivo Geral.....	14
1.2 Objetivos Específicos.....	14
1.4 Pergunta de Pesquisa.....	15
1.5 Contexto de pesquisa.....	15
1.5.1 Vila São Vicente.....	15
1.5.2 São Vicente, suas características e produtividades.....	16
1.6 São Vicente, suas características e produtividades.....	20
1.7 A Família Pereira da Cunha: colaboradores de pesquisa.....	21
<b>CAPÍTULO II: EDUCAÇÃO DO CAMPO E LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO</b> .....	23
2.1 Educação do Campo: breve exposição.....	23
2.2 Licenciatura em Educação do Campo - LEdoC.....	27
<b>CAPÍTULO III: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	28
3.1 Breve histórico sobre a Sociolinguística e seu objeto de estudo.....	28
3.2 Níveis de variação.....	29
3.3 Língua Materna.....	31
3.3 Língua Materna.....	32
3.4 O que são gêneros textuais.....	34
3.5 Breve abordagem da Análise do Discurso.....	37
<b>CAPÍTULO IV: O GÊNERO FOLIA DE REIS: RIQUEZA CULTURA, LINGUÍSTICA E IDEOLÓGICA</b> .....	43
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	59
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	60

## INTRODUÇÃO

“Não há saber mais ou saber menos. Há saberes diferentes.”

Paulo Freire.

No ensejo do berço da língua, destaca-se sua importância determinante enquanto comunicação, intenção, oralidade, contextos e gêneros. E nas culturas e influências da Folia de Reis destaca-se a sociolinguística com estudo sociocultural da língua.

A comunicação através da linguagem se dá nas múltiplas facetas da tradição familiar, na informalidade, nas eventualidades e nas versatilidades da vida, da cultura e do que esta oferece às comunidades.

O presente trabalho tem como tema o estudo da variedade linguística, precisamente a oralidade regional e tem como título: “O Gênero Folia de Reis e a Tradição Familiar”. Contextualizada e festejada no município de Buritis, Minas Gerais, tem como finalidade mostrar os valores religiosos aqui registrados através do gênero discursivo da ladainha em latim *cantorí*, alvorada e a saudação da lapinha, resgatando esses valores da variedade linguística, especificamente os gêneros orais. Visto que a variedade linguística das tradições culturais, está se perdendo e, por conseguinte, a cultura da Folia de Reis, pois os participantes mais velhos estão morrendo e os jovens estão perdendo o interesse pela tradição.

Diante desta breve exposição, a intenção deste trabalho e a escolha da pesquisa se deram a partir de estudos preliminares acerca da Sociolinguística e das bases que lhe compõe dentro da Universidade de Brasília, com foco na vivência da Folia de Reis na família Pereira da Cunha, no Distrito de São Vicente de Buritis – MG, uma tradição de longos anos que se perpetua nos dias atuais. Tendo como objetivo resgatar valores, principalmente na família através do estudo do gênero discursivo, pois a geração presente é diversificada e ainda não tem esse conhecimento profundo desses valores, nem tampouco de sua importância cultural e linguística.

A região do São Vicente é diversificada, arraigada na cultura tradicional, local onde se encontram pessoas da comunidade, pessoas mais velhas, jovens e adolescentes da família com uma gama de variações e coloquialidades da língua, daí o principal motivo da pesquisa em questão, sobre a cultura da Folia de Reis, seus acúmulos e rupturas.

Quanto ao levantamento de dados, isso se fez a partir de entrevistas com os partícipes da Folia de Reis, conhecidos e familiares da Família Pereira da Cunha, moradores da região de São Vicente, município de Buritis – MG, com base qualitativa de pesquisa.

Para que este estudo se fundamentasse logicamente e cientificamente, buscou-se na pesquisa qualitativa sua fundamentação, em que autores como Trivinos e Andrade prestaram sua significância, tendo como embasamento definições de que o presente tema tem dados subjetivos com compreensão profunda a partir de aspectos particulares.

Desta forma, o presente trabalho pretende contribuir para o estudo da língua, sua variação regional e cultural, abrangendo suas vertentes para a valorização da cultura do país e da beleza regional compreendida através de gêneros discursivos Folia de Reis, de Minas Gerais.

Esta monografia está dividida em: Introdução, quatro capítulos e considerações finais. No primeiro capítulo, aborda-se o método da presente pesquisa, seu eixo norteador quanto ao campo de estudo da temática, ou seja, a comunidade da Vila de São Vicente do município de Buritis – MG, sendo a Família Pereira da Cunha os maiores colaboradores.

No segundo capítulo, abrange-se à Educação do Campo, sua evolução na contemporaneidade e sua importância e amplitude na formação das comunidades, através da valorização do homem do campo, sua cultura, língua e comunicação.

No terceiro capítulo, procede a fundamentação da presente pesquisa, salientando a Sociolinguística como base estrutural da língua, da comunicação e das características da língua como cultura e representatividade de um povo. Juntamente com a apresentação da prerrogativa dos gêneros textuais e sua definição na língua

portuguesa, com estudos da análise de discurso; contribuindo para o entendimento da Folia de Reis na sociedade.

No quarto capítulo, apresenta-se a análise de dados da pesquisa, construída a partir dos dados coletados nas entrevistas, com pareceres de diversos autores, contribuindo para o entendimento do Gênero Folia de Reis e sua tradição na Família Pereira da Cunha.

## CAPITULO I: CONTEXTO E METODOLOGIA DE PESQUISA

Este primeiro capítulo apresenta a metodologia de pesquisa aplicada para o desenvolvimento do estudo, em que se destaca a pesquisa qualitativa, fundamentada pelos autores que a justificam, gerando perspectivas científicas, que contribuem para estudos da área. Serão abordados também os objetivos, os procedimentos e sua fundamentação teórica e prática.

### 1.1 Pesquisa qualitativa

Esse trabalho se insere no âmbito da pesquisa qualitativa. A análise qualitativa é importante, pois dá ao pesquisador uma maior oportunidade de aprofundar e descrever melhor os principais aspectos coletados para a pesquisa, gerando interpretação ampla do estudo, precedendo compreensão científica tecida a partir deste procedimento.

Segundo Trivinos (1987, p. 32), a pesquisa qualitativa é essencialmente descritiva e “como as descrições dos fenômenos estão impregnados do ambiente lhes outorga a interpretação dos resultados, tem como base a percepção de um fenômeno num contexto”.

Pode ser assim chamada através do trato que é aplicado a partir de dados subjetivos de forma a compreender mais profundamente o tema abordado. Enquanto o método quantitativo é mais parcial, pois estuda aspectos particulares ou generaliza mais, desde uma única perspectiva (ANDRADE, 2003).

Para a realização da pesquisa buscam-se informações e conhecimentos a partir da vivência e conhecimento da Folia de Reis, cujo desenvolvimento teórico servirá para a análise dos dados coletados. A pesquisa de campo foi realizada no Distrito de São Vicente, município de Buritis – MG, com partícipes da Folia de Reis.

Como esclarece Andrade (2003, p.127) pesquisa de campo:

É aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou relações entre eles.

Para a concretização deste trabalho, foi feito um levantamento teórico, com a finalidade subsidiar e fundamentar a pesquisa. Para coleta de dados foi feita também uma pesquisa, visando conhecer a Folia de Reis e seus valores na família Pereira da Cunha. Essa pesquisa foi feita por meio de entrevista estruturada, composta por questões relacionadas ao tema da pesquisa. Através desses procedimentos utilizados, tornou-se possível obter uma melhor percepção dos processos que estão sendo investigados.

Para Gil (1995, p.54), a entrevista “é a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe dirige perguntas com o objetivo de obter dados que interessam à investigação”. Portanto, através da entrevista, pode-se obter as informações relevantes e necessárias para a concretização da pesquisa.

Após a realização da coleta de dados, ocorre a análise qualitativa dos mesmos, já que “A análise é a tentativa de evidenciar as relações entre o fenômeno estudado e outros fatores”. (LAKATOS e MARCONI, 2001, p.167).

## **1.2 Objetivo Geral**

- Investigar e analisar o gênero discursivo multimodal da Folia de Reis na comunidade de Buritis, observando a estrutura sociolinguística e cultural desse gênero.

## **1.3 Objetivos Específicos**

- Investigar a tradição da Folia de Reis na comunidade campesina de Buritis – MG;
- Identificar o histórico desta tradição por meio de família;
- Analisar os aspectos multimodais da Folia de Reis;

## **1.4 Pergunta de Pesquisa**

Como se organiza o gênero discursivo Folia de Reis na perspectiva da dimensão diamésica (oralidade e escrita) e como ele circula no contexto familiar do Assentamento Banco da Terra, em Buritis - MG?

## **1.5 Contexto de pesquisa**

### **1.5.1 Vila São Vicente**

A história da Vila São Vicente começa com a emancipação da cidade de Buritis, em 1963, o prefeito preocupou-se com a educação e saúde do município; pois na cidade não havia médicos e o atendimento era na cidade em Formosa no estado de Goiás.

Com o passar do tempo a população foi aumentando e vieram médicos e farmacêuticos para atender a população de Buritis. Entre eles, veio da capital Federal Brasília, o doutor José Pereira, farmacêutico conhecido como “Zé Doutor” que ia atender os pacientes nas fazendas conforme ele era solicitado, e, levava consigo os medicamentos para quando fossem necessários. Com esse trabalho, o Zé Doutor conquistou várias amizades na comunidade, chegando a se apaixonar pela senhorita Teófila Rodrigues da Costa, com quem viveu uma linda história de amor, chegando a ficarem noivos. Movido por essa paixão ele preocupou-se em suprir a necessidade educacional da comunidade e providenciou a reivindicação de uma escola pública. Conseguiu junto com o governo municipal uma escola que funcionava na metodologia multisseriada, num ranchinho de pau a pique, doado pelo fazendeiro senhor Messias Rodrigues da Costa, pai de Teófila, por quem era apaixonado. Em homenagem a sua amada deu o nome a escola de Escola Municipal Santa Teófila.

A primeira professora da escola foi a senhora Laurinda Alves D` Abadia que iniciou seu trabalho ainda jovem, mesmo sem concluir o ensino fundamental, trabalhou com uma turma multisseriada de 20 alunos. Ela mora na região da Vila São Vicente até a presente data.

No final da década de 1970, por falta de professor essa escola fechou. Esse fato levou a comunidade a refletir e chegar a uma conclusão que seria viável construir um prédio descente num terreno apropriado que não fosse de favor em

nenhuma fazenda. Nessa mesma década, havia um projeto de uma vila, com a finalidade de centralizar a escola às proximidades das fazendas. Com a união da comunidade e a aprovação do projeto pelo prefeito senhor Elizeu Nadir José Lopes, a vila São Vicente foi construída e com ela a escola, prédio, com o mesmo nome de Escola municipal Santa Teófila.

A comunidade teve a honra de trazer para lecionar na escola a senhora Ana Rodrigues de Sousa, do município de Unaí, Minas Gerais. Dona Ana era uma professora criativa e, para animar a criançada, ela criou grandes personagens, entre eles a “vovó Chica”, a preferida de todos. Dona Ana como é conhecida foi também a primeira moradora da vila, e junto com a comunidade realizou grandes festas religiosas e mesmo sendo aposentada, ela colabora com a escola apresentando aos alunos os personagens que ela criou quando ela dava aula.

### **1.5.2 São Vicente, suas características e produtividades**

A região do São Vicente possui aproximadamente uma população de 800 habitantes em 80 casas aproximadamente, sendo 52% do sexo masculino e 48% do sexo feminino, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. A maioria dessas pessoas habita há vários anos nessa região, com predominância da população de cor mulata. As principais atividades econômicas são variadas como: agricultura, pecuária, extração de carvão vegetal, comércio de secos e molhados (grãos variados e azeites) , extração de madeira, hortaliças e produção de leite.

A vila é ligada à sede do município pela RM (Rodovia Municipal) número 06. O seu principal meio de comunicação é o telefone: orelhão, esse que raramente funciona e o celular por falta da torre ser muito distante o sinal é péssimo.

Em seus recursos naturais possui a serra da sacada e do São Vicente; e cortado pelo rio São Vicente e córregos, Santa Maria, Sacada, Bonito, Brejinho, São Sebastião, Capoeira, Sabão, e São Gonçalo. Sua vegetação é bastante variada possuindo cerrados e matas onde existe uma fauna já bastante reduzida, devido à caça e à pesca predatória e venenos das lavouras, poluindo as nascentes. Na região ainda existe animais selvagens de grandes portes, como a onça, o lobo e o tamanduá.

Na região, existem várias crenças religiosas sendo predominante a religião católicas com cerca de 75% da população. Suas celebrações são uma vez por mês como a missa e aos domingos com os ministros extraordinários da Eucaristia. Na verdade, estes ministros são leigos partícipes da Igreja e escolhidos pelo pároco da região para representá-lo quanto à distribuição da Eucaristia. Suas principais festas são: Folia De Reis e Folia Do Divino.

Depois da fundação da Vila São Vicente, os produtores preocupados com melhores condições de vida e para melhor serem representados junto aos órgãos públicos, criaram então os conselhos comunitários que foi um avanço na comunidade em questão social; sendo como fundador e primeiro presidente o Sr. Sebastião Pereira de Castro. E mais tarde, ainda, os produtores sentindo que não estavam sendo bem representados com relação à produção agrícola e ao comércio, fundaram a Associação Dos pequenos Produtores Rurais do Vale São Vicente, tendo como fundador e primeiro presidente a mesma pessoa que fundou o conselho, que sempre contou em seus trabalhos o incansável apoio do ex-vereador Wonê Alves De Souza.

Para que tudo isso fosse possível, foi necessário que algumas pessoas abrissem mão de pequenos pedaços de terra para que a vila fosse crescendo. A vila foi fundada em 1978 com duas avenidas (parcialmente pavimentadas) e uma igreja. Em meados dos anos 80, chegaram a energia e o posto telefônico que hoje está inativo. A rede de esgoto é composta de água encanada por queda livre vindo do Rio Brejinho, cuja nascente é na chapada, trazendo resíduos tóxicos e dejetos de coliformes fecais. E mesmo sem receber tratamento, ela abastece a vila e os produtores ao seu redor.

Há ainda na região um posto de saúde, com uma agente de saúde da família. O médico vem de Buritis e costuma atender a população uma vez por mês, com remédios de saúde básica. Os casos graves de saúde são encaminhados para Buritis e/ou Brasília.

A primeira ata da associação tem data de 30 de agosto de 1994, APPRSVBE, Associação dos Pequenos Produtores Rurais Do São Vicente, por sinal data de sua fundação como eleição e posse da diretoria. Funcionava em São Vicente da

Esquerda, com as mudanças passou a funcionar na Vila São Vicente da diretoria em 1995.

Os pequenos produtores rurais da região comercializam o leite, que é a principal fonte de renda do São Vicente. Este é levado até os tanques de armazenamentos de carroça, caminhão tanque, motos e bicicleta. Tendo a capacidade de armazenar 13 mil litros de leite que são levados para a Capital Brasília de dois em dois dias. Dos 15 anos de associação a produção do leite é a renda de muitas famílias dentre os 11 anos de sua existência.

### **1.5.3 O histórico do Banco da Terra – Comunidade Santos Reis**

Trata-se de um modelo inovador de Municipalização da Reforma Agrária conhecida como Banco da Terra, sendo a Dona Ruth Cardoso a criadora e defensora desta nova forma de gerir a questão fundiária no País. Este inovador, devido ao que até então se notava nas reformas agrárias e projetos de terras desapropriadas, quando equiparado à Lei de Reforma Agrária, que apresentava dificuldades nos parâmetros nacionais, foi regulamentado sob o regime da Lei Complementar nº. 93 de 04 de fevereiro de 1998, regulamentada pelo Decreto 3475 de 19 de maio de 2000. A AMNOR - Associação dos Municípios da Microrregião Noroeste de Minas atuou como Conselho Curador do Banco da Terra e respectiva Secretaria-Executiva, sob a orientação da legislação mencionada;

Naquela época, o Governo do Estado de Minas Gerais por meio do Governador Itamar Franco não concordou em participar do Programa, pois estava em litígio com o então Presidente do Brasil Fernando Henrique Cardoso. Com isso, o Governo Federal convidou a AMNOR - Associação dos Municípios da Microrregião do Noroeste de Minas para participar como o Conselho Curador do Banco da Terra em que o mesmo disponibilizou e estruturou uma Secretaria Executiva na cidade de Paracatu/MG, composta por um Secretário Coordenador e uma equipe técnica, de 02 (dois) Engenheiros Agrônomos, cujas funções eram de fiscais e auditores;

Por outro lado, os municípios interessados em receber o referido recurso da Reforma Agrária deveriam estruturar a sua sede com um Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável– CMDRS onde o Prefeito Municipal deveria criar e estruturar um Núcleo Municipal nomeando um coordenador desse núcleo.

As famílias interessadas em participar do Programa eram obrigadas a se organizar através de uma associação e deveriam ter aptidão específica para ter direito ao acesso ao Programa. Além disso, o Sindicato de Trabalhadores ou Patronal deveriam fornecer uma carta de aptidão a cada futuro beneficiário do Programa;

O Projetista, neste caso um Engenheiro Agrônomo, através de uma empresa constituída, tinha a atribuição de elaborar o(s) projeto(s) para a associação ou associações e apresentá-lo junto à AMNOR, em Paracatu/MG, para que o mesmo fosse analisado e posteriormente aprovado pelo Conselho Curador do Banco da Terra antes de liberar os recursos financeiros para aquisição da terra e executar os subprojetos definidos no projeto técnico;

A compra da terra, a seleção das famílias e a execução dos subprojetos tais como construção de casas, medição topográfica e divisão dos lotes, energia elétrica, estrada, cercas e água para consumo etc, eram de total responsabilidade da Associação das famílias beneficiadas, do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável, dos Sindicatos de Trabalhadores ou Patronal, do Coordenador do Núcleo Municipal e do Próprio Prefeito Municipal;

O processo de organização social das famílias interessadas e selecionadas, a elaboração do estatuto social e o regimento interno da futura associação, o registro da associação em cartório, as primeiras reuniões ordinárias e extraordinárias, o funcionamento do conselho fiscal da associação, a escolha do nome: Associação de Pequenos Produtores Rurais Caminho da Paz foram realizadas pela Prefeitura Municipal de Buritis.

Além da legislação mencionada, os relatórios técnicos do engenheiro responsável eram avaliados pela equipe técnica da Secretaria – Executiva do Conselho Curador do Banco da Terra de Paracatu/MG, composta por 02 Engenheiros Agrônomos e pelo CMDRS – Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável que emitiam um parecer para que as parcelas subseqüentes dos projetos fossem liberadas.

A escolha dos Beneficiários, a compra das terras, a distribuição das famílias para ocuparem os lotes, a compra de materiais, a construção das casas, as

instalações elétricas e hidráulicas, no município de Buritis/MG foram todas de responsabilidade da Prefeitura Municipal por meio do Núcleo Municipal e do CMDRS – Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável e dos Sindicatos parceiros.

A execução das metas e das ações contempladas nos projetos foram acompanhadas pelas famílias assentadas, em que elas entravam com a mão de obra para que o custo da implantação ficasse mais barato.

A região onde o projeto foi implantado fica entre as comunidades das Pedras e a comunidade do Bonito, duas comunidades caracterizadas pela exploração agropecuária em regime de agricultura familiar, similar ao regime adotado pelas famílias assentadas no Banco da Terra de Buritis. O projeto está distante em torno de 22 km da cidade de Buritis e a 10 km da Vila São Vicente.

### **1.6 Comunidade Santos Reis**

A comunidade Santos Reis Banco da Terra está localizada na região do São Vicente a 22 km da cidade de Buritis. Ela é uma comunidade formada no assentamento e frequentada por pessoas também que não moram no assentamento. Essa comunidade é recém formada, é uma criança com apenas 11 anos de idade. Até 2006, ela não tinha esse nome, o qual foi escolhido por sorteio.

A tradição cultural da Folia de Reis chega na comunidade em 2007, acompanhada por uma família tradicional da região que vieram morar no assentamento desde 2005. Está ali longe do seu habitat não foi tão difícil interagir na comunidade, pois a maioria das pessoas são católicas e vivem essa cultura herdada de seu antepassados.

### **1.7 A Família Pereira da Cunha: colaboradores de pesquisa**

Essa família Pereira da Cunha é de origem tradicional da região de Cupins município de Buritis Minas Gerais, localizada a 60 km de Buritis. A tradição cultural da Folia de Reis na família Pereira da Cunha existe desde a quinta geração, conforme o conhecimento dos familiares, mas, por ser uma tradição familiar

acontece há muito tempo. A matriarca da primeira geração cultivava sua promessa naquela época. Logo em seguida a segunda geração, o patriarca Faustino Pereira da Cunha dá continuidade a essa cultura deixada por sua mãe, sendo um compromisso com a divindade, ele assumiu toda responsabilidade mesmo não sendo o único dos irmãos.

Esse compromisso com os Reis Magos ou Santos Reis, como é conhecido na região, dá sequência anualmente, pois mesmo sendo devoto, Faustino Pereira reforçou essa devoção através de um voto, quando ele andava pelo campo a cavalo e teve uma crise: perdeu a visão e a fala, apeou do cavalo e ficou ali mesmo embaixo de uma árvore por muito tempo, e mesmo sem a fala fez uma promessa em seus pensamentos a Santos Reis, que se recuperasse sua visão e a fala, todos os anos ia desobrigar a Folia de Reis. Essa promessa dura até hoje, quando a folia não saia, é rezada a ladainha no dia 06 de janeiro de cada ano.

Com o passar dos anos, por motivo de saúde e com idade avançada, ele passa sua devoção a uma das filhas, aquela que pelo visto ele achou ter o perfil cultural, com certeza foi inspirado por Santos Reis, e esse fato aconteceu em 2000, a partir daí, eu, Maria dos Reses, assumi esse compromisso com a divindade.

Logo após esse acontecimento meus pais mudaram para outra região da comunidade também tradicional e eu desvinculei da família para outra região e fui morar no assentamento Banco da Terra no ano de 2005. Com o patriarca Faustino Pereira da Cunha em óbito em 2005, assumi o legado desde 2007 até os dias atuais.

Agora a Folia de Reis acontece de forma conjunta com toda família e amigos da região, desde o momento dos preparativos até a organização final. Essa organização se dá desde o corte da lenha; do embarrear das fornalhas; do fritar do toucinho, a famosa carne de lata, carne de porco; da matança dos frangos caipira; da preparação do doce de leite que é indispensável, o chamado biscoito casquinha, conhecido como biscoito de vidro; e da preparação do pão de queijo, que nunca falta em um evento desses.

Organizar qualquer evento exige tempo e disponibilidade do grupo e não é diferente na família Pereira da Cunha, para que isso venha acontecer de forma tradicional o que vem prevalecendo é a fé, a união e o respeito às decisões tomadas

nas reuniões da família. Nessas reuniões, colocamos os pontos positivos e os negativos para que no próximo ano não repita os mesmos erros.

Um dos pontos bastante lembrado é que a juventude da família participe mais dos eventos, que acompanhe a procissão, que interaja com a comunidade mostrando os valores que a Folia de Reis representa na família, que participem das brincadeiras realizadas durante o giro da folia, como as danças da curraleira, da catira, do lundu, do peão, do macaco e a cantoria para as cozinheiras.

Outro ponto que sempre refletimos nas reuniões de família sobre a folia do Banco da Terra, é que não seguimos as regras de outras regiões. Essas regiões costumam considerar apenas o sexo masculino na alvorada da Folia dos Reis, sendo que aqui nesta região acrescenta-se o sexo feminino e até crianças. Assim, o alvarar da Folia de Reis é impelida por gênero e idade diferentes. Devido os foliões mais velhos estarem morrendo, queremos que as futuras gerações tenham a oportunidade de conhecer a prática que vivenciaram nossos antepassados pois a descrição de práticas está registrada de varias formas de entendimento regional.

Assim, neste capítulo, buscou-se salientar a fundamentação e estudo da região do São Vicente, sua associação de moradores e comunidade que vivenciam a Folia de Reis, tendo como características a cultura e a construção de práticas aplicadas nestas vivências familiares.

Apresentar-se-á por seguinte, a Educação do Campo, sua definição e vertentes, sob a Licenciatura em Educação do Campo; fundamentando todo o trabalho em questão.

## CAPÍTULO II

### EDUCAÇÃO DO CAMPO E LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Neste capítulo, apresenta-se uma breve exposição da fundamentação teórica e da concretização da Educação do Campo, como melhoria de possibilidades e alcance de lutas sociais, e, por conseguinte a Licenciatura em Educação do Campo - LEdoC, essencial para a proposta de trabalho e estudo científico.

#### 2.1 Educação do Campo: breve exposição

A Educação do Campo pode ser definida como o processo de formação dos trabalhadores, por meio de uma política cultural, em um contexto de antagonismos de classe onde estão em disputa projetos históricos e de escolarização, com concepções que asseguram aos povos do campo uma educação em conformidade com seu modo de viver, pensar e produzir, indicando a emancipação humana ou a alienação humana (TAFFAREL et al, 2007).

De fato, a demanda da sociedade, através dos tempos, busca melhoria na Educação, com resultados de um grande processo de mobilização nas organizações civis, aqui representado pelos movimentos sociais e sindicais que atuaram ao longo da história (LUNAS; ROCHA, 2009).

O conceito de Educação do Campo ainda é novo, mas já está em disputa, porque o movimento da realidade que ele busca expressar é marcado por contradições sociais muito fortes, onde o debate conceitual é importante à medida que esclarece quais são os embates e quais os desafios práticos surgidos a partir desta Educação. (CALDART, 2008).

Pois, as bases da Educação do Campo é fruto de mobilidade social e histórica de lutas e reivindicações desde a década de 60 e ampliada pelo protagonismo dos movimentos sindicais do campo vivenciadas em todo o país (LUNAS, ROCHA, 2009).

Ao se defender, a educação do campo, sob um projeto histórico superador, está-se referindo à formação dos trabalhadores que reivindicam uma educação do campo na perspectiva da emancipação humana. Sob este enfoque, aponta-se como principais dificuldades em relação às escolas do campo e ao desenvolvimento do meio rural que são respectivamente: a insuficiência e precariedade das instalações físicas da maioria das escolas, dificuldades de acesso dos professores e alunos às escolas, falta de professores habilitados e efetivados, falta de conhecimento especializado sobre políticas de educação básica para o meio rural, ausência de assistência pedagógica e supervisão escolar na escola rural e especialmente a necessidade de reavaliação das políticas de nucleação das escolas (TAFFAREL et al., 2007).

O grande desafio, então, é a inclusão social, onde os povos do campo estão sujeitos a indicadores de ausências de políticas educacionais refletidas no panorama da educação do campo, com problemas de baixo índice no que tange a qualidade de educação e suas estruturas (LUNAS; ROCHA, 2009).

Contudo, se o conceito de Educação do Campo é parte da construção de um paradigma teórico e político, este também não pode ser aleatório, arbitrário, ele tem raiz na sua materialidade de origem e no movimento histórico da realidade a que se refere, sendo um conceito em movimento como todos os conceitos, mas ainda mais porque busca apreender um fenômeno em fase de constituição histórica (CALDART, 2008).

No tocante à legislação, a Educação do Campo e seu movimento acumularam, a partir de suas diversas lutas, um conjunto importante de instrumentos legais que reconhecem e legitimam as condições necessárias para que a universalidade do direito à educação se exerça, respeitando as especificidades dos sujeitos do campo através das Diretrizes Operacionais para Educação Básica das Escolas do Campo, Resolução CNE/CEB nº 1/2002 e Resolução CNE/CEB nº 2/2008; Parecer nº 1/2006 que reconhece os Dias Letivos da Alternância, também homologado pela CEB; Decreto nº 7.352, de 2010, que dispõe sobre a Política Nacional de Educação do Campo e sobre o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) (MOLINA; FREITAS, 2011).

Com a aprovação da Resolução n. 1, de 2 de abril de 2002, a Educação nas Escolas de Campo tem se firmado, com estimulação de ações articuladas entre diferentes órgãos públicos, visando a superação da fragmentação das políticas educacionais historicamente construídas no Brasil (LUNAS, ROCHA, 2009).

A Licenciatura em Educação do Campo fundamenta-se na Lei 9393/96, constituindo-se nas Diretrizes Educacionais e Diretrizes Nacionais que possibilitam a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior (PPP UNB, 2009).

Diante destas resoluções, propõe-se estimular nas universidades públicas a criação de cursos regulares de Licenciaturas em Educação do Campo formando-se educadores para atuação na educação básica em escolas do campo, gabaritados para a gestão de processos educativos e desenvolvimento de estratégias pedagógicas que visem à formação de sujeitos humanos autônomos e criativos, capazes de produzir soluções para questões inerentes à sua realidade, vinculadas à construção de um projeto de desenvolvimento sustentável do campo e do país (MEC apud TAFFAREL et al, 2007).

Na verdade, o Curso de Licenciatura em Educação do Campo é uma ação que possibilitará aproximar as universidades públicas das redes de ensino existentes e dos movimentos sociais de luta, trazendo experiência ímpar com certeza da especificidade da formação na diversidade sócio-cultural, do direito universal dos povos do campo à educação pública de qualidade (TAFFAREL et al., 2007).

Tais vertentes têm como objetivo o cumprimento do direito ao acesso universal à educação e à legitimidade dos processos didáticos significativos, acrescidos da defesa de um projeto de desenvolvimento social, economicamente justo e ecologicamente sustentável, do projeto histórico socialista (TAFFAREL et al, 2007).

Assim, a Educação passa a ser conhecida cada vez mais como direito fundamental e de responsabilidade social, em que os governantes devem contribuir e defender, sendo a escola do campo um espaço privilegiado para a aquisição de competências e habilidades fundamentais para a cidadania (LUNAS, ROCHA, 2009).

Conforme a proposta concreta do MEC, o objetivo geral da Licenciatura em Educação do Campo é o de formar educadores para a atuação junto às populações que trabalham e vivem no campo, com diferentes modalidades, diversidades e práticas pedagógicas (UNB, 2009).

Enquanto a Educação do Campo acontece na sociedade como nome de secretarias ou coordenações de governos, como especificidade de preceitos legais com cursos e as linhas de pesquisa, indicam de fato práticas ou reflexões de movimentos sociais, de movimentos sindicais ou de grupos sociais específicos, aparecendo uma tendência que desloca a Educação do Campo de sua identidade originária. Há, então, a necessidade de descolar estes termos dependendo dos interesses em questão ou dos sujeitos envolvidos no debate ou nas práticas e situações de conflito (CALDART, 2008).

Desta maneira, a Educação do Campo é uma das protagonistas na criação de condições que contribuam para a promoção do desenvolvimento das comunidades a partir das concepções sobre as possibilidades de atuação das instituições educativas na perspectiva contra-hegemônica, além das funções tradicionalmente reservadas à escola, de socialização das novas gerações e de transmissão de conhecimentos, promovendo no seu interior importantes transformações (MOLINA, FREITAS, 2011).

Um dos desafios e possibilidades da Educação do Campo é promover os conhecimentos que os educandos a partir do trabalho com a realidade e seus direitos, da religação entre educação com a cultura e com os conhecimentos científicos a serem apreendidos em cada ciclo da vida e de diferentes áreas do conhecimento, com dimensões formativas que foram separadas pela cultura fragmentada e individualista do capital, embora na vida real se apresentem articuladas, imbricadas, às vezes, mesmo em simbiose, com a construção da autonomia dos educandos e a internalização da criticidade com a historicidade dos diferentes conteúdos e dos contextos sócio-históricos nos quais foram produzidos (MOLINA, FREITAS, 2011).

Possibilitou-me realizar a monografia por meio do amparo legal da Licenciatura em Educação do Campo com os princípios e ênfase na pesquisa, como

processo de desenvolvimento do curso e ao longo dele, como integrador de outros componentes curriculares (PPP UNB, 2009).

## **2.2 Licenciatura em Educação do Campo – LedoC**

Partindo destas realidades, a Licenciatura em Educação do Campo – LedoC, tem em sua criação e fundamentação eixos que compõem o estudo em questão, promovendo contextos de ingresso, egresso, estrutura e características de funcionamento do curso, com organização curricular aprovada pelo Ministério da Educação.

As bases legais estão na Lei 9394 de 1996; Parecer CNE/CEB 36/2001 e Resolução CNE/CEB 1/2002, seguidas do Parecer CNE/CP 009/2001 e Resolução CNE/CP 1/2002, instituindo assim Diretrizes Curriculares Nacionais de Formação de Professores em curso de licenciatura.

Os objetivos gerais do curso, de acordo com o PPP, são a formação de professores para a atuação específica às populações que trabalham e residem no campo, garantindo assim a formação acadêmica àqueles que ainda não têm titulação mínima.

Assim, a Licenciatura em Educação do Campo – LedoC, instrumento da Educação do Campo tem concorrido para benefícios diversos que garantem melhorias em formação acadêmica, abrangendo regiões longínquas e carentes em educação.

## **CAPÍTULO III**

### **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Neste capítulo apresenta-se a fundamentação teórica da pesquisa sobre o gênero Folia de Reis, através da apresentação da Sociolinguística como fator determinante para os gêneros discursivos.

Visto que, os gêneros com suas variações determinam o que perpassa essa área específica de atuação cultural, onde o campo linguístico está arraigado no contexto histórico e social de um povo.

Para tanto, faz-se necessário identificar os gêneros textuais e seus princípios na vertente concreta da pesquisa delineada e dos fatos analisados no percurso da língua como fator primordial da manifestação cultural.

#### **3.1 Breve histórico sobre a Sociolinguística e seu objeto de estudo**

A sociedade traz muitas manifestações e formas de comunicação, em que a língua é base para os povos. Diante disso, a Sociolinguística, de uma forma mais qualitativa, aborda língua, cultura e sociedade.

A Sociolinguística surgiu da necessidade de compreender essa língua, da forma que ela existe com variações e contextos, tendo como principal objeto de estudo a língua falada.

Contudo, no Brasil, não existe longa tradição em estudos da linguística, que só a partir de 1960 esta teve significável crescimento, recebendo influência norte-americana (BORTONI-RICARDO, 2005).

A sociolinguística tem sua origem nos Estados Unidos (1960), onde cientistas diversos da linguagem chegaram a conclusão de que não era mais possível estudar a língua sem aliá-la à sociedade em que esta está sendo observada (BAGNO, 2010).

No Brasil, não se dá a devida atenção à influência da língua e sua variação no processo educacional, onde a ciência específica da área aponta pouco a pouco estratégias de aumento da produtividade da educação, de forma a preservar os direitos do aluno (BORTONI-RICARDO, 2005).

A busca dos elos entre língua escrita, sociedade e cultura atenta-se para os momentos históricos e aspectos antropológicos da emergência e progressiva socialização da língua escrita em sociedades, percebendo as características da oralidade anterior à escrita, os processos de transição da oralidade à escrita, os processos de mudanças sociais, cognitivas e comunicativas resultantes da introdução da língua escrita em sociedades, bem como as práticas de leitura e de escrita em diferentes épocas e diferentes grupos sociais, os processos históricos de acumulação (SOARES, 1995).

### **3.2 Níveis de variação**

As variações ocorrem nos níveis da língua, que segundo Bagno (2010) são: variação fonético-fonológica, variação morfológica, variação sintática, variação semântica, variação lexical e variação estilístico-pragmática. De fato, a língua é altamente estruturada, partindo de um sistema que permite a expressão de um mesmo assunto de maneiras diferentes, com regras diferentes, mas igualmente lógicas e funcionais.

A língua brasileira se desenvolveu de forma independente da sua modalidade europeia entre os séculos XVI e XIX, por causa do contato com línguas indígenas e africanas, que iniciou com a colonização e o tráfico de africanos escravizados. As diferenças entre o português brasileiro e europeu foram destacadas no século XIX por viajantes que deixaram registros escritos que, mais tarde, se tornaram matéria de estudo linguístico. Esse contato, com as línguas indígenas e as línguas africanas, iniciou cedo e por isso marcou a formação da língua no Brasil, fazendo com que várias palavras e expressões encontradas no Brasil não sejam encontradas em Portugal (OLOFSSON, 2012).

Assim, para compreensão do fenômeno é imprescindível a observação da variedade em seu contexto histórico-social através da introdução à comunidade para

análise em situações reais de uso lingüístico, atendendo bem aos propósitos da elucidação de seus fatores condicionantes estruturais e sociais (NASCIMENTO, SILVA, 2005).

As variedades da língua que hoje se fala e escreve no Brasil resultam da complexidade sociológica da história brasileira e da pluralidade de processos de mudança linguística atribuídas em diferentes constelações comunicativas, desde que os colonizadores portugueses chegaram ao Brasil, no convívio intenso com os nativos, que eram falantes de línguas da família tupi e que se somou à importação de africanos escravizados, o contato com línguas africanas começou (OLOFSSON, 2012).

De fato, a variação se verifica em níveis da língua na sua totalidade, ou seja, estão no fonético- fonológico, no morfológico, no sintático, no semântico, no lexical, no estilístico- pragmático, ressaltando que estas são denominadas regras categóricas, pertencendo ao repertório linguísticos em todos os falantes, independente da região, classe social ou grau de instrução (BAGNO, 2010).

A variação fonético-fonológica persiste em pronúncias de palavras, se no interior de São Paulo se diz “porrrta”, no noroeste se diz “porta”; ou mesmo “poita”.

A variação morfológica condiz com sufixos diferentes para expressar a mesma ideia. “Assungar” em Minas quer dizer “levantar”, “breado” é sujo.

A variação sintática representa o diferencial na expressão dita, mas que mesmo com elementos organizados de forma diferente, dizem a mesma coisa. Ou seja, quando se diz: “Aonde veio não sei” e “Não sei de onde veio”.

A variação semântica explica significados diferentes para expressões, devido à origem da região que veio o indivíduo. O “não se avexe” do baiano não é dito em Minas, mas se diz “Não fique vergonzado”, para representar a expressão de não se intimidar, não temer.

A variação lexical traz palavras que se referem à mesma coisa: dindinha, madrinha, tia. Ou seja, palavras e expressões sinônimas.

A variação estilístico - pragmática corresponde a situações sociais com formalidades diferentes. Assim, têm-se “Desculpa”, “Me perdoe”, “Queira-me desculpar”.

### 3.3 Língua Materna

De acordo com a perspectiva sociolinguística, que pesquisa as relações entre língua oral e língua escrita, os efeitos da língua escrita dos contextos sociais e linguísticos em que ocorrem as atividades orais e escritas, os determinantes linguísticos das dificuldades de aprendizagem da língua escrita, a aprendizagem da escrita e suas relações com as variedades linguísticas (SOARES, 1995) destacam a sociolinguística e a língua materna.

Qualquer posição que coloque em risco ou nem tanto a pureza e a propriedade do idioma pátrio será sempre recebida com perplexidade, quando não com grande resistência. É interessante perceber que nas sociedades modernas, os valores culturais associados à norma da língua de prestígio, considerada correta, apropriada, são mais arraigados e persistentes que outros, de natureza ética, moral e estética (BORTONI-RICARDO, 2005).

Contudo, percebe-se que valorizar e entender a língua como parte social da construção e comunicação dos indivíduos e grupos é essencial, visto que no Brasil este é fruto de estudo e atenção específica.

Das sociedades brasileiras, conserva-se nos dias atuais pelo menos duas características: a variação maior no repertório verbal e o acesso limitado à norma padrão (BORTONI-RICARDO, 2005):

Retratando vertentes advindas de fatores econômico-sociais, cuja realidade é de pouco acesso à cultura que promove a seu modo acesso a norma culta da língua, o que favorece também seu crescimento e variação, o que normalmente não ocorre no país. O que se percebe é que verbalmente a língua tem crescido e crescido de forma criativa e crítica, pois esta se desenvolve em diversas classes como base de comunicação, mesmo nas pequenas vilas de difícil acesso (BORTONI-RICARDO 2005, p.34).

Nesta perspectiva, destaca-se o comportamento da língua mediante influências e fatores múltiplos num país de grande extensão territorial e cultural.

O comportamento linguístico é um indicador da estratificação social. Os grupos são, de fato, diferenciados pelo uso da língua. A distribuição desigual de renda em países condiz também com as diferenças acentuadas e que tendem a se perpetuar (BORTONI-RICARDO, 2005).

Alunos que chegam à escola com expressões “nós chegemu”, por exemplo, devem ser considerados e respeitados de acordo com a norma linguística-cultural, onde tem o direito inalienável de aprender as variantes dessas (BORTONI-RICARDO, 2005).

Assim, não são as variedades linguísticas que constituem desvios da língua, pois a construção desta sob os moldes de um modelo idealizado traz a representatividade do controle dos processos inerentes de variação e mudança (BAGNO, 2010).

Além disso, de um ponto de vista sociológico, em cada sociedade práticas de leitura e de escrita diferenciam-se de acordo com os contextos sociais, exercendo papéis diversos na vida de grupos ou de indivíduos específicos onde as pessoas que ocupam diferentes lugares sociais, e exercem diferentes profissões, vivendo diferentes estilos de vida também enfrentam demandas funcionais de leitura e de escrita bastante diferentes: sexo, idade, localização urbana ou rural, etnia são, entre outros, fatores que determinam a natureza das práticas de leitura e de escrita (SOARES, 1995).

### **3.4 Variedade e Ensino**

Desta forma, a língua tem papel essencial na constituição do povo e da educação, onde se destaca seu funcionamento sob diversos ângulos.

Há ponto de vista referente ao olhar, ao enxergar o funcionamento da língua, os fatos que lhe implicam e personificam, em que o preço a pagar é o de uma abstração radical, que separa a forma linguística de tudo aquilo que, na vida real,

está associado a ela, quer seja os interlocutores, a historicidade e a comunicação (RANGEL *apud* BAGNO, 2010).

A variação linguística não pode, de forma nenhuma sobrepor ou se anular a uma ou outra norma padrão, pois as mesmas têm sua expressão e utilidade de acordo com o contexto social, político ou econômico.

Pois, os usos da língua promovem a criação de formas expressivas para situações novas; trazem possibilidades nunca antes exploradas ou geradas; criam formulas e expressões idiomáticas; geram realizações possíveis (RANGEL *apud* BAGNO, 2010).

Ciente destas realidades sociolinguísticas, a Educação tem caminhado de forma a conhecer e buscar meios pedagógicos e didáticos que nem sempre viabilizam a língua em sua variância e totalidade.

Hoje, a partir das inovações promovidas pelo Ministério da Educação, a língua e os materiais de estudo que partem dessa, vão desde formação continuada para docentes até expressões que merecem destaque, tais como letramento e gênero e tipo textual. Contudo esses denigrem a necessidade de conhecimento da variação linguística, onde resultado é insatisfatório (BAGNO, 2010).

Na verdade, a escola tem se preocupado muito com a língua culta e sua prática acadêmica, esquecendo-se de que cada aluno traz uma riqueza de língua que precisa ser explorada, de forma a viver a verdadeira democratização educacional. A produção linguística associada à escrita deve ser significativa, profunda na cultura e na importância social e histórica.

Portanto, faz-se necessário que a variação linguística torne-se objeto de ensino e estudo da língua, perfazendo a transformação da população coexistente hoje, que vive a então democratização do ensino, onde o aumento real do número de escolas trouxe consequências sociais e econômicas (BAGNO, 2010) e que precisam ser validadas no âmbito escolar quanto à verbalização e comunicação.

A escrita e a escola são lugares e objetos sociais, em que a língua ganha caráter de produção artificial, descaracterizando o que a língua realmente é, um

produto sociocultural, elaborado ao longo do tempo, através do esforço de muita gente, um patrimônio imaterial (BAGNO, 2010).

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Nesse caso, os docentes/professores, são os que têm de colaborar para a consciência de que existem duas ou muitas maneiras de dizer a mesma coisa. O ponto crucial é que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos, onde a sociedade recebe-as também de forma diferenciada (BORTONI-RICARDO, 2005).

Desta forma, o estudo da língua não se restringe aos simples dicionários, ou a regras da gramática. É um engano acreditar que existe uma única e definitiva língua (BAGNO, 2010).

A sociolinguística, na Educação, enfrenta essa grande dificuldade, de adentrar a língua em toda a sua contextualidade e aceitar e valorizar sua riqueza variante.

### **3.4 O que são gêneros textuais**

A partir da escrita e da capacidade de expressão por meio deste recurso, destaca-se dentro da língua os gêneros textuais.

Se no tempo de Aristóteles, o mesmo via três categorias de gêneros textuais, hoje se sabe que estas foram se subdividindo e perpassando momentos históricos e estéticos, até ampliar-se sob a linha de produção textual (MARCUSCHI, 2002).

A produção textual condiz com a necessidade do homem em identificar e utilizar os gêneros, a partir do conhecimento de suas características.

É inadmissível que não se depare com a necessidade de refletir a cerca do gênero textual, pois tendo em vista que este tem sua origem junto com a linguagem, pois é intrínseco a esta (MARCUSCHI, 2002).

Diante destas afirmações, a proposta deve a ser de identificar o gênero textual e a linguagem como forma de viver o mundo e suas comunicações, funções e vivências; atentando também para funções sintáticas e analíticas teóricas.

Contudo, é tarefa árdua atrever-se a estabelecer taxonomias e classificações duradouras ao identificar gêneros, pois se pode reter num processo reducionista, tendo em vista que as classificações são recortes e não agrupamentos naturais de gênero (MARCUSCHI, 2002).

Neste contexto, Bagno (2010) explica que os fatores linguísticos são delineados a partir da investigação da variação, cuja origem geográfica, status econômico, idade e escolarização contribuem para seus resultados. Contudo, não se pode ater-se a restringi-los, percebendo que na comunidade de São Vicente, percebe-se que nem todos seus habitantes possuem o mesmo grau de escolaridade e que, contudo, sua língua não se difere, devido a suas vivências cotidianas.

Subtende-se que este processo de conhecimento de gênero foge à regra da análise individual da obra em si ou do coletivo, pois cada gênero caminha por meio de influências concretas. Pois, conforme ressalta Bazerman (2006) muitos veem nos gêneros uma coleção de elementos específicos e de caráter próprio, onde a seleção por tipo e forma são essenciais e a cultura é base do mundo; limitando a compreensão de formas e conhecimentos em contextos diferentes.

Analisando tais estudos, os gêneros textuais são na comunidade visitada uma grande mistura de contextos e saberes, delegados a gerações diferentes e que mesmo ao longo do tempo, tem se tornado uma vertente variada e de grande aspecto cultural quanto ao discurso e a comunicação como manifesto cultural.

Pois, o gênero textual vem acompanhado de um conjunto de aspectos discursivos, linguísticos, sócio-interacionais e históricos, entre outros (MARCUSCHI, 2002).

Diante destas considerações, percebe-se que o gênero textual enquanto forma de linguagem condiz com o que vive, pensa e faz o indivíduo, a comunidade e toda a sociedade em que se constata e analisa sua existência.

Na vila São Vicente, a existência de cada partícipe que compõe a Folia de Reis traz a inferência de toda uma sociedade, com língua vivenciada em saberes, desejos, sonhos e problemas. Com afirmativas de que a língua é lugar e meio de conflito, pois a sociedade em que vivem seus falantes tudo é conflituoso (BAGNO, 2010).

Diante da certeza de que persiste a grande variedade de gêneros textuais na atualidade, atenta-se para a crise das teorias que se restringem a forma ou estrutura de um texto, onde o gênero persiste na inflexibilidade. Na verdade, o gênero é flexível e variável, tal qual com o seu componente crucial, a linguagem (MARCUSCHI, 2002).

Independente de quem fala, o indivíduo morador da Vila São Vicente é por si único, com sua forma de expressão linguística. Por isso, Bortoni-Ricardo (2005) explica que o significado de variação do gênero textual assume no contexto das relações a identificação do indivíduo no grupo, onde cada enunciado é um ato de identidade.

De fato, a linguagem é parte do gênero textual, pois precede, antecipa, acompanha e se apresenta dentro desta prática e conhecimento, delineando novos sentidos e novas concepções do mesmo.

Pensa-se, de imediato, que os elementos que compõem o gênero, ou seja, suas características são elementos que findam em si, esquivando-se da ideia de que cada texto é furto do trabalho para o qual foi desenvolvido (BAZERMAN, 2008).

Buscando uma definição mais específica, destaca-se que os gêneros textuais são superestruturas canônicas e deterministas, sendo também formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização e produção de sentidos sociais (MARCUSCHI, 2002). Pois, a medida que o indivíduo faz uso da língua, é essa que determina o tempo, o sentido, a cultura e a sociedade, evocando saberes diferentes e de modalidades múltiplas para aqueles que se atem a escutá-la e vivenciá-la nos espaços sociais.

Destaca-se que o gênero textual não deve estar centrado nos padrões que se tem conhecimento, mas sim na interação destes junto a realidade que se constrói e se transforma a partir deste.

Na comunidade, enquanto membro da Folia de Reis, enquanto morador da Vila, as diferenças regionais somam-se como grande manifestação cultural e sociolinguística sem ater-se a ignorância social que persiste muitas vezes no quesito de gênero de discurso. Conforme Bortoni-Ricardo (2005), as diferenças regionais

não impedem a comunicação, não podendo ignorar os falantes de variedades populares.

De fato, há que se considerar que os esforços em categorizar a noção de gênero textual e suas classificações são grandes, e que pela quantidade destas há perspectiva de falhas. Por isso, o mais importante talvez seja determinar os critérios da categoria de gênero textual (MARCUSCHI, 2002), para então vivenciar o que vem a ser essa forma de linguagem humana, dentro do campo em que está inserido.

A função social dos gêneros textuais são arraigados e vivências culturais de povos, regiões, comunidades e grupos que fazem uso da língua como representação do eu, do todo e dos nós, circulando com suas variações por entre gerações, construindo saberes e formas de discurso.

O Gênero Folia de Reis apresenta esta performance, de viver a língua em suas usualidades e casualidades, de forma a abranger o contexto sócio-cultural de um povo, promovendo estudo de gênero textual e variação de discurso.

### **3.5 Breve abordagem da Análise do Discurso**

A Análise do Discurso surgiu ao fim dos anos 60, devido a insuficiências de uma análise de texto que se praticava naquele tempo e que se pautava prioritariamente por uma visão conteudista, centrada nas práticas de leitura. De um lado, reinava nas ciências humanas e sociais um contexto marcadamente orientado pelos desenvolvimentos da psicologia social em sua versão behaviorista e de outro, reinava o predomínio de uma concepção de linguagem influenciada pelos esquemas informacionais de comunicação (ROCHA, DEUSDARÁ, 2005).

Desta forma, a língua estava sendo analisada primeiramente sob os moldes de ideais e critérios pré-estabelecidos, por forças maiores que a sociedade e sua cultura regional, o que caracterizaria uma prática errônea.

A experiência do mundo deve se fundamentar basicamente no estudo da língua, onde seus estilos e formas devem descrever e analisar o objeto central do discurso e os gêneros que o fundamentam.

Não há apenas um tipo de Análise de Discurso; existem muitos estilos diferentes (ao menos 57 variedades) com enfoques variados, a partir de tradições teóricas reivindicando o mesmo nome. O que esses estilos parecem ter em comum, ao tomar como objeto o discurso, é que partilham de uma rejeição da noção realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção da sociedade e do ser sociedade (CAREGNATO, MUTTI, apud REZENDE E RAMALHO, 2006).

Pois todo ato de fazer uso da palavra implica a construção de uma imagem. Para tanto, não é necessário que o locutor se autoafirme ou que detalhe suas qualidades. Isso porque suas competências linguísticas e enciclopédicas são suficientes para construir uma representação. Assim, efetivamente, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si (AMOSSY, 2005).

Diante destas considerações, atenta-se para as múltiplas facetas da língua e a amplitude de suas qualidades, independente do contexto em que está inserida, sendo impossível esquecer-se da comunidade que a pratica.

De fato, tal realidade, enfoca o equívoco de ver os discursos ligados a campos sociais específicos, esquecendo-se a importância de cada representação particular na sociedade, onde discursos específicos engrandecem a sociedade de forma heterogênea (RAMALHO, RESENDE, 2011).

O discurso e seu estudo é um estudo de interpretação fundada pela intersecção de epistemologias distintas, pertencentes a áreas da linguística, cujo enfoque é a noção de fala para discurso e do histórico emergido da teoria da ideologia; trabalhando com o descentramento do sujeito (CAREGNATO, MUTTI, 2006).

Sob o enfoque da categoria Folia de Reis, destaca-se sua compreensão e definição frente ao que pensa Cascudo, ser esta manifestação:

[...] um grupo de homens, usando símbolos devocionais, acompanhando com cantos o ciclo [...] festejando-lhe às vésperas e participando do dia votivo [...] não tem em Portugal o aspecto precatório da folia brasileira, mineira e paulista [...] é uma espécie de confraria, meio sagrada, meio

profana, instituída para implorar a proteção divina contra pragas malignas que às vezes infestam os campos [...] Há o rei, o pajem, o alferes, dois mordomos e seis fidalgos (CASCUDO, 1998, p.402).

Desta forma, quando o discurso é avaliado e analisado sob a vertente da Folia de Reis, é imprescindível que se considere o sujeito que faz uso e pratica esta manifestação cultural, tendo seu eixo em contextos ideológicos, mesmo que subjetivamente.

Assim, nos países latinos, como no Brasil, há perceptíveis avanços na análise do discurso, onde a difusão da investigação como método e teoria abordam problemáticas concretas e ampliando perspectivas (RAMALHO; RESENDE, 2011).

Por isso, um estudo de análise de discurso a partir da Folia de Reis, deseja compreender o quanto a teoria por si só se constrói e se fundamenta na prática dos sujeitos, suas vivências e práticas orais da língua.

Privilegiando o uso do enunciado em situação e a força da palavra, as diferentes correntes da Análise do Discurso reencontram a Retórica definida como a arte de persuadir. E como Aristóteles dizia, procuram compreender e explicar como o discurso se torna eficaz, descrevendo usos verbais e modalidades de interação dos quais se extrai uma regulamentação e constrói-se modelos (AMOSSY, 2005).

Neste enfoque, destaca-se a heterogeneidade como campo do discurso, caracterizando sua vertente e abrindo-se ao diferente, exigindo aperfeiçoamento constante, pois as abordagens do discurso não podem estar fechadas ao diálogo (RAMALHO, RESENDE, 2011).

A heterogeneidade presente na construção do discurso da Folia de Reis, suas realidades e vertentes passíveis de variação linguística fundamentam o diálogo das interfaces da língua construída entre povos e ideologias.

Desta forma, o processo de Análise do Discurso tem a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção, verbais e não verbais, somente com sua materialidade produzida de sentidos para interpretação; entrecruzadas com séries textuais, imagens ou linguagem corporal (CAREGNATO, MUTTI, 2006).

Efetivamente, o ato de produção de discurso remete necessariamente ao locutor que mobiliza a língua, que a faz funcionar ao utilizá-la, onde a inscrição do locutor e a construção da subjetividade na língua (AMOSSY, 2005) são compreensão e entendimento das fronteiras da lingüística, com apropriação de conceitos e teorias (RAMALHO, RESENDE, 2011).

Ao praticar e manifestar-se através da Folia de Reis, os indivíduos participantes fazem uso da língua, independente dos conceitos que baseiam a festa em questão, cabendo a cada locutor fazer o seu papel e passar sua mensagem discursivamente.

Considera-se, portanto, que o discurso e sua análise e estudo, trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto, um sentido que nem sempre é traduzido, mas produzido; constituído de ideologia, história e linguagem (CAREGNATO, MUTTI, 2006).

Pois, a Análise de Discurso, a análise linguística deve estar alimenta pelo social, justificando e mapeando conexões entre atores, grupos e questões que perpassam fatores ideológicos (CAREGNATO, MUTTI, 2006).

Ressalta-se neste contexto, o sentido do discurso que coexiste em ordens simbólicas de controle, mensagem e dominação (RAMALHO, RESENDE, 2011).

Sob este enfoque de ordens simbólicas, destaca-se a ideologia entremeada no âmbito da construção, desenvolvimento e concretização do evento Folia de Reis, frente aqueles que fazem uso desta como promoção cultural de um povo.

Pois a ideologia é o posicionamento do sujeito quando se filia a um discurso, cujo processo de constituição do imaginário flui do inconsciente, do sistema de idéias que constitui a representação. Já a história representa o contexto sócio histórico e a linguagem - materialidade do texto no sentido que o sujeito pretende dar. Portanto, na análise do discurso a linguagem vai além do texto, trazendo sentidos pré-construídos da memória do dizer (CAREGNATO, MUTTI, 2006).

Na realidade, passa-se da interlocução à interação onde o falar é trocar. E ao longo de uma troca comunicativa qualquer, os diferentes partícipes exercem uns

sobre os outros uma rede de influências mútuas construída no discurso se manifesta plenamente nessa perspectiva interacional (AMOSSY, 2005).

A linguagem como texto, mediada pela análise do discurso, atenta para o espaço das ordens do discurso como produção de conhecimento sobre seu funcionamento na sociedade. Entende-se que como memória do dizer o interdiscurso, ou seja, a memória coletiva constituída socialmente; o sujeito tem a ilusão de ser dono do seu discurso e de ter controle sobre ele, não percebendo estar dentro de um contínuo, onde o discurso já existia antes (CAREGNATO, MUTTI, 2006), ressaltando que a maneira de dizer autoriza a construção de uma verdadeira imagem de si e do outro e das coisas, na medida em que o locutário se vê obrigado a apreendê-la a partir de diversos caminhos discursivos, contribuindo para o estabelecimento de uma inter-relação entre o locutor e seu parceiro (AMOSSY, 2005).

Sujeitos se fazem por meio da memória própria construída e memória herdada, evocando saberes linguísticos que se manifestam nos discursos, que servem de base para efeitos sociais ao longo dos tempos.

Portanto, a Análise do Discurso acredita na linguagem como estrato semiótico, com mecanismos e poderes gerativos, com relações transformacionais nos estratos sociais, físicos, químicos e biológicos, internalizando e compreendendo a linguagem com seus feitos e efeitos nas práticas sociais (RAMALHO, RESENDE, 2011).

Nessa perspectiva, o sujeito não é individual, mas sim ligado ao coletivo inconsciente, quando o sujeito se filia ou interioriza o conhecimento da construção coletiva, sendo porta-voz do processo de discurso e representante daquele sentido (CAREGNATO, MUTTI, 2006), sendo inerente a troca verbal e submetida a uma regulamentação sociocultural, superando a intencionalidade do sujeito que fala e age (AMOSSY, 2005).

As maneiras de interagir, representar e identificar nas práticas do social, deflagram traços de práticas diferentes, decorrentes da constituição de outros momentos, onde a linguagem socialmente tem a mesma medida de fatores políticos, cognitivos, morais e materiais, sendo o discurso constitutivo e constituído socialmente (RAMALHO, RESENDE, 2011).

A linguagem utilizada e praticada na Folia de Reis é base para análise do discurso, com evocação histórica e ideológica, onde a identidade dos sujeitos coexiste frente à manifestação cultural e social de um povo e de muitas gerações.

Desta forma, a Análise do Discurso trata com o sentido, sendo o discurso marcado pela história e ideologia, sujeito, identidade evocando uma nova interpretação ou uma re-leitura; mostrando como o discurso funciona (CAREGNATO, MUTTI, 2006). Isso porque o gênero linguístico se constrói a partir das vertentes produzidas no ambiente geográfico em que vive o indivíduo, por meio de influências de jogos de interesse sociais, onde o sujeito é o que pensa e fala.

## CAPÍTULO IV

### O GÊNERO FOLIA DE REIS: RIQUEZA CULTURA, LINGUÍSTICA E IDEOLÓGICA

Neste capítulo, analisa-se o Gênero Folia de Reis, sob o enfoque de sua oralidade, através da preparação e organização estrutural da Folia, com ideias e valores ideológicos da Família Pereira da Cunha, frente à importância da resistência da cultura. Buscando conhecer, identificar e mostrar o Gênero Folia de Reis e sua tradição familiar no Distrito de São Vicente, município de Buritis – MG, resgatando valores e importância da variação linguística, da língua através da oralidade religiosa e cultural, apresenta-se a entrevista realizada no segundo semestre de 2013.

Nesta perspectiva, a Sociolinguística trabalha com grande quantidade de conceitos, o que talvez em primeiro momento dificulte o exercício de análise da língua real e da Análise do Discurso, que impele a linguagem e suas vertentes.

Entre meados do século XVI surge a “Folia de Reis”, manifestação religiosa de devoção a Nossa Senhora, a Jesus, José e aos Reis Magos. Essa se caracteriza por um grupo de foliões organizados de acordo com uma hierarquia específica, que caminham as ruas da cidade, quer seja pela zona urbana ou rural, rezando de casa em casa, pedindo pouso e comida.

Afirma Braga (2010, p. 278):

As Folias de Reis da atualidade preservam os elementos de sua origem que remontam às denominadas epifanias. Nelas estão incluídos os festejos pela passagem bíblica que relata a visita dos três Reis Magos ao filho de Deus. Em suas origens não havia data específica para essas comemorações que aconteciam em diferentes momentos. A unificação do calendário cristão foi feita pelo Papa Julio I, em 367 d.C. que fixou a data de 25 de dezembro para a festa do nascimento de Cristo e dia 6 de janeiro para celebração e adoração dos Reis Magos. No Brasil a área de maior incidência dessas comemorações, tem sido a região Sudeste.

Esta traduz a crença e devoção de todo um povo, sua religiosidade e cultura, representada na execução de músicas, rezas e danças de procissão pelas ruas da cidade, trazendo simplicidade, beleza e virtude.

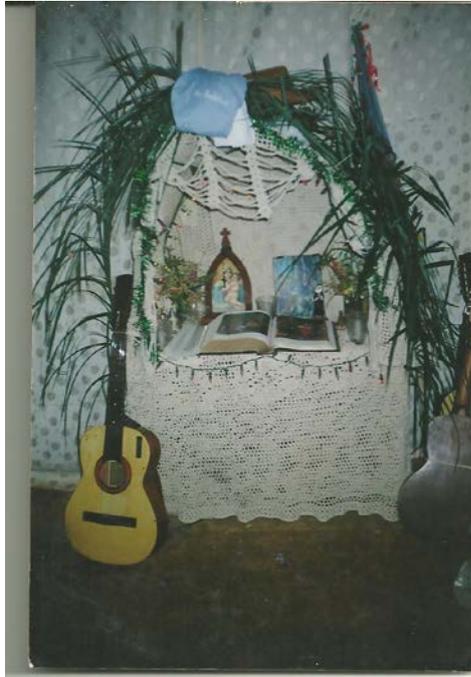


Figura 1: Lapinha Banco da Terra.  
Fonte: Arquivo Pessoal, 2008.

Na família Pereira da Cunha, segundo os entrevistados, essa tradição já é secular, e permanecerá ao longo do tempo, de pai para filho., no qual o Senhor L. explica:

“Na nossa região desde menino que eu via a Folia. Fui crescendo e entrando dentro da Folia. Eu fui criado dentro da Folia. De pai pra filho. A gente entende um pouco.”

O senhor C. complementa:

“Porque o Folião é criado pelo destino. Eu fui vendo a tradição que vinha e entrei nela. Aí eu aprendi sozinho, sem professor. Foi o destino que mandou.”



Figura 2: Foliões de Reis Banco da Terra.  
Fonte: Arquivo Pessoal, 2007.

A folia, para os foliões é marco da ação de Deus, sendo iniciado pelas bênçãos do menino Jesus designados aos Reis Magos, produzindo até hoje milagres e benefícios.

Segundo o relato colhido durante as entrevistas, o Senhor C. (guia da Folia de Reis):

“A história que os Reis eram de países diferentes. E no eles conversarem eles estavam num pensamento sozinho. Belchior, Baltazar e Gaspar foram até a gruta de Belém e levaram os presentes incenso, mirra e ouro. Dali pra cá veio a Folia de Reis. O menino Jesus agradeceu e consagrou a Folia. E os Reis saíram cantando pra enganar quem eles não sabiam. A Folia não foi criada do nada. Ela foi criada do Pai.”

A oralidade-letramento indica se a atividade verbal na interação está mais próxima de práticas orais ou se é parte da prática letrada, pois a verdade é que essas práticas se apóiam na leitura e na escrita (BAGNO, 2010), pois na Família Pereira da Cunha, a oralidade tem forte poder promotor da cultura. Através da oralidade se faz a historicidade de um povo, onde o registro transmite essa realidade, trazendo uma reflexão a cerca da tradição oral como registro.

No município de Buritis, esta manifestação é muito comum, passada de geração em geração, popularizada na zona rural e trazida para a zona urbana da cidade.



Figura 3: Almoço dos foliões.

Fonte: Arquivo Pessoal, 2007.

Como modos estáveis de se conhecer, agir e relacionar práticas e atividades sociais, gêneros discursivos envolvem a atividade, pessoas e a linguagem, propondo-se na investigação as relações e manifestações sociais a interação entre língua, discurso e gênero ((RAMALHO, RESENDE, 2011).

Sabendo que o Noroeste de Minas é fortemente influenciado por tradições e culturas, a Folia de Reis é uma dessas manifestações culturais que persiste por séculos. Por isso, a primeira pergunta da entrevista diz respeito a historicidade da Folia de Reis na região de São Vicente, como era seu procedimento e ocorrência. Constatou-se que essa era uma tradição passada de pai para filho, cuja composição se dava com o número de doze foliões, representando a figura dos doze apóstolos de Cristo. Um dos entrevistados, Senhor L., ressalta que:

“Na nossa região desde menino que eu via a Folia. Fui crescendo e entrando dentro da Folia. Eu fui criado dentro da Folia. De pai pra filho. A gente entende um pouco. Eram 12 foliões, porque 12 são os apóstolos de Jesus. Agora, hoje põe 16, 22, 30. Mais o certo, que eu ouço falar aqui da região são 12.”



Figura 4: Pioneiros da Folia de Reis.  
Fonte: Arquivo Pessoal, 2001.

Assim, a Folia de Reis, tem por tradição, seguir uma organização criteriosa em relação ao corpo/grupo que compõem, bem como a data da festa e sua manifestação.

Foliões e participantes presentificam o caminho dos Reis Magos guiados pela Estrela do Oriente até o encontro do menino Jesus (...). A sequência ritual é longa e detalhada: a pedido de acolhida ao dono da casa, a reza da lapinha, o bendito da mesa e a esmola são etapas acompanhadas de violão, viola, sanfona, caixa e versos tirados pelo guia e respondidos pelo contra-guia. O sentido da Folia vem através de versos (MELLO et. al, 2005, p. 20).

Entre os papéis (foliões, caixeiro, monetário ou bateria) e obrigações dos foliões, um essencial é o do festeiro, pois, geralmente é de sua residência que os foliões fazem a “tirada da bandeira” e também para onde ela retorna no final do “giro”. Podendo ser, todavia, a residência do Mestre ou ainda, de alguma pessoa, a qual por motivo de promessa, mantêm as despesas da folia. Não há rigidez total para esse ponto e nem o número de residências a serem visitadas. Porém, algum tempo antes de se iniciar o trajeto, há as visitas nas residências dos moradores que receberão a folia e onde será acertado os locais de pouso para o almoço e pouso para o jantar, ou seja, o percurso da jornada que o grupo irá cumprir, pois “a missão da Folia de Reis é cumprir uma jornada [...]. A jornada deve ser “cumprida” de tal forma que comece pelo Leste (Oriente) e termine a Oeste (Belém)” (BRANDÃO, 1977).



Figura 5: Imperador da Folia de Reis da Família Pereira da Cunha (à esquerda).  
Fonte: Arquivo Pessoal, 1960.

Quanto às características dos indivíduos e grupos da comunidade e suas classes sociais que participam da Folia de Reis, comenta José Pedro:

“Antigamente, a Folia de Reis era feita apenas de homens. Hoje isso mudou e todos são bem vindos. Tem até criança, porque elas são o Menino Jesus”.



Figura 6: Imperadores atuais da Folia de Reis da Família Pereira da Cunha.  
Fonte: Arquivo Pessoal, 2001.

Contudo, constatou-se que quanto a faixa etária da atualidade, esta é bem diversificada (crianças acima de 7 anos, mulheres entre 15 a 60 anos ou mais e homens a partir dos 15 anos), havendo idade específica, pois os grupos são compostos por crianças, jovens e adultos, de diferentes classes sociais. Segundo o Senhor José Pedro, o único critério é que este indivíduo deseje participar, conhecer as regras da tradição e respeitá-las. O Senhor C. comenta:

“Ser folião não está previsto na escrita ou na lei, mas sim no destino. Por isso eu entrei na tradição e me formei nela, sem escrita, sem ter quem me ensinasse, o destino me fez!”

A língua traz a heterogeneidade como aspecto genuíno da sociedade. Para estes entrevistados, os estilos são próprios e trazem múltiplas variações. Estas variações são foco na perspectiva do gênero de discurso e suas modalidades.

Os aspectos referentes ao período que ocorre a Folia de Reis, a maioria dos entrevistados disseram ser entre 25 de dezembro a 06 de janeiro, segundo a tradição que corresponde ao nascimento de Cristo e a visita/chegada dos reis magos em Belém. Contudo, o Senhor L. ressalta que cabe ao chefe da folia, chamado de Imperador, que programe a data, bem como os locais de pernoite dos foliões. O percurso também é definido por ele também.



Figura 7: Bendito de mesa, agradecendo a alimentação  
Fonte: Arquivo Pessoal, 2007.

Quanto à execução das atividades e procedimento da folia, esta se dá através do guia, que vai à frente e tem ajudantes para desenvolver as cantorias e rezas, que são respectivamente:

-Santa Cruz

Pelo Sinal da Santa Cruz

Livrai-nos Deus, nosso Senhor

Dos nossos inimigos.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

- Pai Nosso:

Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o Vosso nome. Venha a nós o Vosso Reino. Seja feita a Vossa vontade, assim na Terra como no Céu. O pão nosso de

cada dia nos dai hoje. Perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém.

-Ave Maria:

Ave Maria cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois Vós entre as mulheres, e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém.

- Salve Rainha

Salve Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, salve! A vós bradamos os degradados filhos de Eva. A vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei. E depois deste desterro, mostrai-nos Jesus, bendito fruto de vosso ventre. Ó clemente! Ó piedosa! Ó doce sempre Virgem Maria!

V. Rogai por nós Santa Mãe de Deus.

R. Para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém.

-Ladainha de Nossa Senhora:

Senhor, tende piedade de nós.

Jesus Cristo, tende piedade de nós.

Senhor, tende piedade de nós.

Jesus Cristo, ouvi-nos.

Jesus Cristo, atendei-nos.

Deus, Pai dos Céus, tende piedade de nós.

Deus Filho, Redentor do mundo,

Deus Espírito Santo,

Santíssima Trindade, que sois um só Deus,

Santa Maria, rogai por nós.

Santa Mãe de Deus,

Santa Virgem das virgens,  
Mãe de Jesus Cristo,  
Mãe da divina graça,  
Mãe puríssima,  
Mãe castíssima,  
Mãe intacta,  
Mãe intemerata,  
Mãe amável,  
Mãe admirável,  
Mãe do bom conselho,  
Mãe do Criador,  
Mãe do Salvador,  
Virgem prudentíssima,  
Virgem venerável,  
Virgem louvável,  
Virgem poderosa,  
Virgem benigna,  
Virgem fiel,  
Espelho de justiça,  
Sede da sabedoria,  
Causa de nossa alegria,  
Vaso espiritual,  
Vaso honorífico,  
Vaso insigne de devoção,  
Rosa mística,  
Torre de David,  
Torre de marfim,  
Casa de ouro,  
Arca da aliança,  
Porta do Céu,  
Estrela da manhã,  
Saúde dos enfermos,  
Refúgio dos pecadores,  
Consoladora dos aflitos,

Auxílio dos cristãos,  
Rainha dos Anjos,  
Rainha dos Patriarcas,  
Rainha dos Profetas,  
Rainha dos Apóstolos,  
Rainha dos Mártires,  
Rainha dos Confessores,  
Rainha das Virgens,  
Rainha de todos os Santos,  
Rainha concebida sem pecado original,  
Rainha assunta ao Céu,  
Rainha do santo Rosário,  
Rainha da família,  
Rainha da paz,

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo,  
Perdoai-nos, Senhor.

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo,  
Atendei-nos, Senhor.

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo,  
Tende piedade de nós.

Rogai por nós, santa Mãe de Deus.  
Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

Oremos. Senhor Deus, nós Vos suplicamos que concedais a vossos servos lograr perpétua saúde de alma e corpo; e que, pela gloriosa intercessão da bem-aventurada sempre Virgem Maria, sejamos livres da presente tristeza e gozemos da eterna alegria. Por Cristo Nosso Senhor. Amém.

-Credo:

Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, seu único Filho Nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu a mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos Céus, está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e mortos. Creio no Espírito Santo. Na Santa Igreja Católica, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna. Amém.

-Glória a Deus:

Glória a Deus nas alturas! E paz na terra aos homens de boa vontade.

Senhor Deus, Rei dos céus, Deus Pai onipotente.

Nós vos louvamos. Nós vos bendizemos. Nós vos adoramos. Nós vos glorificamos.

Nós vos damos graças, por vossa imensa glória.

Senhor Jesus Cristo, Filho Unigênito.

Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai.

Vós que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.

Vós que tirais o pecado do mundo, acolhei a nossa súplica.

Vós que estais à direita do Pai, tende piedade de nós.

Só vós sois Santo. Só vós sois o Senhor. Só vós o Altíssimo, Jesus Cristo.

Com o Espírito Santo, na glória de Deus Pai.

Amém.

- Ato de Contrição

Senhor meu, Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro, Criador e Redentor meu, por serdes Vós quem sois, sumamente bom e digno de ser amado sobre todas as coisas e porque Vos amo e estimo, pesa-me, Senhor, de todo o meu coração de Vos Ter ofendido e merecido o Inferno; e proponho firmemente, ajudado com os auxílios de Vossa Divina Graça, emendar-me e nunca mais Vos tornar a ofender; e espero alcançar o perdão de minhas culpas por Vossa infinita misericórdia. Amém.

- Oferecimento do Rosário

Ora *pronob* Santa Dejenitris

Oremos: Graça infunde deis e decilinto este congui nobinus pedi pressione, cruz receicione e glória para um Deus Pai, para um Deus Filho, para um Deus Nosso. Amém.

Esta salve que rezemos

Maria nós oferecemos

Que nos livra do inimigo

Daquela má companhia

A isconta do meu rosário

São balai que atirania

É com que combate o inferno

Rezando Ave- Maria

Maria sois mãe das graças

Sois mãe da misericórdia

Livrai-nos dos inimigos

Naquela última hora amém.

(Reza-se um Pai-Nosso e três Ave-Maria).

As rezas retratam a herança cultural e histórica do povo, especialmente destes foliões que seguem influências da Igreja Católica na forma e escolha das orações, que são súplicas a Deus e forma de penitência.

O interessante a se ressaltar é que uma das regras diz a cerca das cantorias, que tipo de música os foliões podem cantar e tocar. Essa se restringe as cantorias próprias da folia, tocando também a catira, o lundu, o pião e a curraleira, não sendo permitindo outras músicas populares ou aquelas que fazem sucesso na atualidade. Conta o Senhor C;

“A catira é os anjos serafins, sapateando e batendo palmas. E as outras dançam vem assim também. A diferença é que alguns preferem uma das danças. A Folia que passo é de 4 vozes, mas tudo é uma só. É um louvor.É a história do que acontece com a pessoa, isso é curraleira. A catira vem da mesma forma. Mas eram os anjos serafim que faziam o louvor, batendo os pés e as mãos. Tudo vem mesmo sentido. Se você não gostar de um, vai ter todos pra agradecer cada um.”

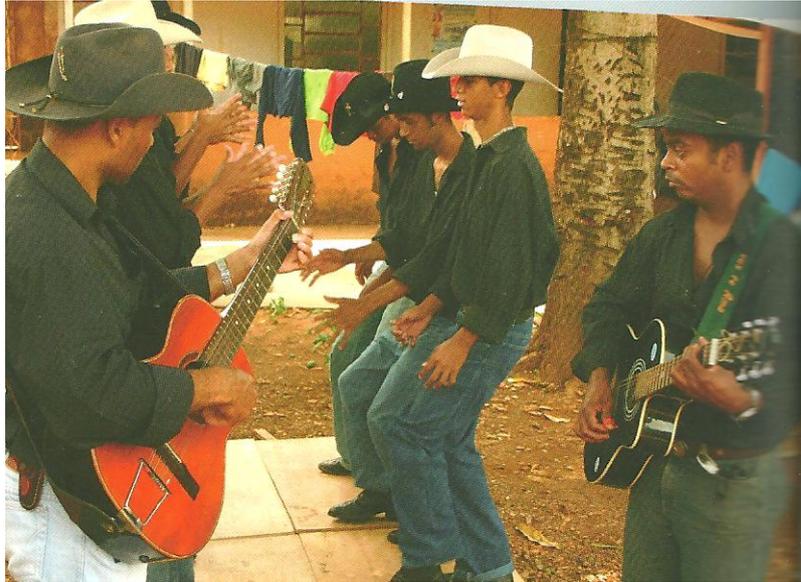


Figura 8: Catira sendo executada na Folia de Reis na região rural de Buritis – MG.  
Fonte: Mello, 2005.

Nessa perspectiva, ressalta Mello et al., 2005, p. 20:

Normalmente, o grupo é composto por dois tocadores, que se revezam em violas e nos vocais e um número par de dançarinos, todos vestidos a caráter: calça jeans, camisa, chapéu e botas, estes importantes para o “peso” que deve ser dado aos passos. A catira é a dança mais comum: os dançarinos costumam ficar de frente uns para os outros, alternando os passos (fortes pisadas ritmadas no chão) e palmas acompanhando o canto dos violeiros, que contam histórias tanto satíricas, quanto sentimentais (...). A curraleira desenrola-se no esquema de roda, e conta ainda com a presença dos pequenos pandeiros na mão dos dançarinos e o som da caixa, tornando-a mais animada e rápida, se comparada à catira (MELLO et al., 2005, p. 25).

Os instrumentos musicais utilizados são a viola, o violão, a caixa, pandeiro, rabecão e outros populares.

No intuito de identificar as músicas que compõem a Folia de Reis, todos os entrevistados foram unânimes em dizer que cada grupo tem suas músicas próprias, com fonte de inspiração religiosa e bíblica. Contudo, nenhum destes entrevistados souberam dizer quem eram os autores dessas músicas, sendo a tradição oral a maior marca.



Figura 9: Foliões em cantoria na região rural de Buritis – MG.  
Fonte: Mello, 2005.

Ressalta-se aqui algumas dessas cantorias:

"Ó di casa, ó di fora  
Qui hora tão excelente  
É o glorioso santo Reis  
Qui é vem do Oriente

Ó de casa, ó de casa  
Alegra esse moradô  
Que o glorioso santo Reis  
Na sua porta chegô

Aqui está santo Reis  
Meia-noite foras dóra  
Procurou vossa morada  
Pedino sua ismola

Santo Reis e Nossa Senhora  
Foi passeá em Belém  
São José pediu ismola  
Santo Reis pede também

A ismola que vóis dá  
Nois viemo arrecebê  
O glorioso santo Reis  
É quem vai agradecê

Santo Reis pede ismola  
Não é ouro nem dinhêro  
Ele pede um agitoru  
Um alimento pros festero

Sôr dono da casa  
Vem abri as portaria  
Recebê santo Reis  
Com sua nobre folia

Sôr dono da casa  
Alevanta e cende a luz  
Vem a ver santo Reis  
O retrato de Jesus

Paremo na sua porta  
Com oro na balança  
Aqui tamo a sua espera  
Da sua determinança

Deus te sarve casa nobre  
Nos seus posto tão honrado  
Ande mora gente nobre  
Que de Deus é visitado

Deus o sarve a luz do dia  
Deus o sarve a claridade  
Deus o sarve as três pessoa

Da Santíssima Trindade

Deus o sarve as três pessoa  
Com a sua santidade  
É três pessoa divina  
Aonde nasce a divindade

O sinal da Santa Cruz  
É principio de oração  
É o principio desse canto  
Desta rica invocação

Deus te sarve oratóro  
É coluna que Deus fez  
Hoje tá visitado  
Do glorioso santo Reis

Deus te sarve oratóro  
Cum todo seus ornamento  
Deus te sarve as estampinha  
E as image qu'estão dentro

Deus te sarve as image  
As pequena e as maió  
Numa rica divindade  
Sincera em uma só

Sôr dono da casa  
Alegra seu coração  
Arreceba santo Reis  
Com todo seus folião

Santo Reis desceu do céu  
Cortano vento nas asa

Vei pedi um agasaio  
 Para o dono desta casa  
 Santo Reis e vem girano  
 Cançadim do trabaio  
 Procurô vossa morada  
 Pra pedi um agasaio

Santo Reis veio voano  
 Nos are fez um remanso  
 Procurô sua morada  
 Pra fazê o seu descanso

Sôr dono da casa  
 Muito alegre deve está  
 Do glorioso santo Reis  
 Hoje vei lhe avisitá

Concluímo este canto  
 Fazeno o siná da cruz  
 Pade, Fio, Esprito Santo  
 Para sempre, amém Jesus".

"Santos Reis vai despedindo  
 Deixando muita saudade.  
 Vai deixando muita benção  
 Pro povo desta cidade."

- Saudação

Deus vos salve  
 Ó Virgem Maria  
 Filha de Deus pai

Deus vos salve  
 Ó Virgem Maria

Mãe de Deus Filho

Deus vos salve  
 Ó Virgem Maria  
 Esposa do Divino Espírito Santo

Deus vos salve  
 Ó Virgem Maria  
 Princesa soberana sobre todas as criaturas

Deus vos salve  
 Ó Virgem Maria  
 Templo do Sacrário  
 Da Santíssima Trindade

Deus vos salve  
 Ó Virgem Maria  
 Sem pecado e concebida

Dei-me adjutório em meus instintos e de Joana e de Faustina

Glória ao Pai e ao Filho  
 E de Espírito Santo

Se pudera de principio  
 E de nunca e sempre  
 E de século seclório.

Amém.

-Bendito de pedir Senhor Deus

Meu Jesus vos recomendo  
 Pela flor que nasceu  
 E a hóstia consagrada

E a cruz em que morreu

Dai-nos templo meu Jesus  
Soberano e rei da Glória  
Para que pedimos todos  
Senhor Deus misericórdia

Misericórdia eu vos peço  
Misericórdia ao Senhor  
Misericórdia eu vos peço  
Sendo um grande pecador

Pela vossa cinco chagas  
Pelo seu divino amor  
Pela vossa mãe santíssima  
Dai-nos o perdão, Senhor

Senhor Deus pequei Senhor  
Pequei misericórdia  
Senhor Deus pequei Senhor  
Pequei misericórdia

Senhor Deus, pequei Senhor  
Mas pelas dores de nossa Mãe  
Maria Santíssima, senhora Santana  
(nome do santo) eu vos peço misericórdia

Ó Virgem Maria Mãe de Deus  
E mãe nossa (nome do santo)  
Todos os santos do altar vós  
Tendes misericórdia de nós

Vós tende misericórdia de nós pecador

Aceitai Virgem Senhora este  
Nosso humilde rogos  
Sois a nossa protetora  
Ponha em nós os vossos olhos

Vós sois o amparo de todos  
Vós sois mãe das criaturas  
Concedeis-nos a gozar  
Destas súplimas alturas

Vós que tem todo o poder  
Vós sois mãe do pecador  
Livrai-nos depois da morte  
Do inferno que é o temor

-Bendito de beijar o altar

Depois de beijar  
Graças a Deus  
Louvado seja Deus  
No céu e na terra  
Louvemos a Deus  
Jesus é meu  
Eu sou de Jesus  
Jesus vai comigo  
Eu vou com Jesus  
Eu vou com Jesus  
Para a eterna glória  
Pois ele é o Senhor  
De toda a vitória  
Meu Senhor Jesus Cristo  
Crucificado, filho de Virgem Maria

Vós que permitais que passamos  
Hoje em paz, e amanhã por todos os dias

Nossas almas não se perca meu Jesus

Ave-Maria, cheia de graça  
O senhor é convosco, bendita sois vós  
Entre as mulheres  
Bendito é o fruto  
Do vosso ventre nasceu Jesus

Santa Maria Virgem, mãe de Deus  
Rogai a Deus por nós  
Mãe do pecador

Agora e na hora da nossa morte  
Amém Jesus, Maria e São José

Glória seja ao pai  
Glória seja ao filho  
Glória ao Espírito Santo  
Seu amor também

Que ele é um só Deus  
Em pessoas três  
Agora e sempre  
Sem fim amém

Senhor eu vos ofereço  
Esta devoção  
Que esta seja glória nossa  
Seja nossa salvação

-Benditos

Hino a Nossa Senhora Aparecida

Graças vos damos Senhora  
Virgem por Deus escolhida  
Para a mãe do redentor  
A Senhora Aparecida

Louvemos sempre a Maria  
Mãe de Deus autor da vida  
Louvemos com alegria  
A Senhora Aparecida

Como a rosa entre os espinhos  
De graças enriquecida  
Sempre foi pura e sem manha  
A Senhora Aparecida

Sois pois sempre a bendita  
A virgem esclarecida  
Mil louvores sejam dados  
A Senhora Aparecida

Se quisermos ser felizes  
Nesta e na outra vida  
Sejamos sempre devotos  
Da Senhora Aparecida

Quando nos virmos cercados  
Dos perigos desta vida  
Sejamos sempre devotos  
Da Senhora Aparecida

E na hora derradeira  
Ao sairmos desta vida  
Intercedei a Deus por nós  
Virgem Mãe Aparecida

-Benditos de beijar a Lapinha (altar) no momento do Ofertório

Santo Reis cantou primeiro na lapinha de Belém  
Visitou minino Deus que a Santá Senhora tem

Pastorim do deserto saia fora e venha vê  
A pobreza da lapinha onde Jesus vei nascê

Ajoeia pecadô vem bejá Jesus  
Ele está com os braço aberto cravado na cruz

Cravado na cruz padeceu sua dô  
Derramando vosso sangue por nois pecado

-----

Bejemo, bejemo intão bela hora  
Bejemo os treis reis santo e nossa senhora  
Nossa senhora da piedade  
Bejemo as estrela que é a divindade

-----

Minha rica lapinha infeitada de flôr (2x)  
A pro ano se vivo nois fô (2x)

Minha rica lapinha meu Sinhô São José (2x)  
Até pro ano se Deus quis é (2x)

- Bendito de Santos Reis

Refrão:

Santo Reis cantou primeiro na lapinha de Belém  
Visitou Menino Deus que santa Senhora tem

Pastorinho do deserto saia fora e venha vê  
A pobreza da lapinha onde Jesus vei nascê

Ajoeia pecadô vem beijá Jesus  
Ele está com os braços abertos  
Cravado na cruz  
Cravado na cruz, padeceu sua dor  
Derramando vosso sangue  
Por nós pecador

Beijemos, beijemos então bela hora  
Beijemos os três reis santos e nossa senhora  
Nossa senhora da piedade  
Beijemos as estrelas que é a divindade

Há ainda, sob esta perspectiva uma história/conto é contada pelos foliões a cerca dos milagres e prodígios alcançados por meio desta tradição e como ela se tornou realidade:

#### -Folia de Reis: Fatos Verídicos

“Há mais de cem anos na Fazenda Mangues houve um surto de tuberculose. Já tinha morrido algumas pessoas. Então aí surgiu uma grande devota de Santos Reis, Inês Alexandrina Lopes, que fez uma promessa: que se aquela epidemia parasse, ela faria uma folia, até enquanto ela vivesse. Aí, o milagre aconteceu. Ficando ela viúva, casou-se com Juca Fonseca e mudou para a fazenda Pernambuco e continuou cultuando a Folia de Reis até a sua morte. Deixando dois filhos, Alexandrino Fonseca Melo e Jacinto, que também já eram foliões, e continuaram com a folia. Com suas mortes, os filhos de Alexandrino continuaram com a folia até os dias de hoje” (Comunidade Santos Reis – Pernambuco II, Buritis - MG).

Ressalta-se que a dialética apresenta em uma de suas vertentes, a construção de discurso de identidades relacionada ao significado representacional e ao significado acional/relacional (RAMALHO, RESENDE, 2011), percebida no relato e na língua/oralidade que compõem a ação dos foliões.

Quanto ao vestuário dos foliões, o Senhor L. ressalta que no tempo em que era criança, só se preparava as doze toalhinhas, correspondentes aos doze foliões, sem exigência de traje especial. O Senhor C. conta:

“As toalhinhas brancas que nós tem e que a gente põe em nós é um pedacinho do manto de Nossa Senhora que ela perdeu acompanhando a escolta de Cristo para a crucificação”.

Atualmente, há a exigência do uniforme, que no caso de Folia de Reis, tem na cor azul sua vigência.

Qual é a importância da Folia de Reis? Segundo os entrevistados essa é muito importante porque através dela se percebe o poder de Deus e se vivencia a fé, sendo esta a maior motivação para participar e promover essa festividade.

O importante da Folia de Reis é ser resgatada e perpetuada como marco cultural e popular. E através da oralidade de um povo e grupo social, pode-se identificar focos da Sociolinguística e as possibilidades de uma reeducação em prol do respeito cultural e histórico através da educação do campo.

Diante dessas considerações e realidades, pode-se afirmar que a Folia de Reis é hoje um patrimônio cultural da humanidade, pois abrange além do folclore, a história de um povo, suas crenças, verdades, vidas de valores. Na comunidade de São Vicente esta tem sido de uma riqueza inigualável.

Frente à riqueza da Folia de Reis, conversando com populares que praticam e vivenciam esta, pode-se perceber primeiramente a simplicidade dos fatos em relação à vivência desta, que abrange o sentido de valores familiares e a devoção religiosa de alguns foliões, bem como a tradição oral como gênero de discurso e promotor da língua e sua estrutura social.

Pode-se também, seguir avante esta pesquisa, traçando possibilidades de envolvimento dos mais novos nesta atividade, pois esta é um processo empírico e contínuo.

Na Educação e Licenciatura do Campo se encontra meios para que estes dados colhidos e discutidos façam parte não só da cultura da região, sobretudo da construção da língua e sua importância social e de identidade de um povo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das perspectivas relevantes da sociolinguística, e os preâmbulos que perpassam quesitos referentes à língua, enquanto comunicação e intencionalidade, apreende-se neste contexto a oralidade e seus gêneros, que podem ser percebidos em vários contextos culturais, destacando a Folia de Reis como vertente.

Através desta pesquisa destacou-se a importância da comunicação oral e suas múltiplas facetas, considerando as influências culturais, eventualidades, historicidade e mesmo informalidade, que a comunidade Santos Reis Banco da Terra da Vila compreende.

Percebe-se que quanto à religiosidade, principal fator que implica na execução e continuidade da Folia de Reis, esta tem favorecido a intencionalidade da língua, frente a momentos e práticas que fazem parte desta Folia. Ou seja, quer seja nos gêneros discursivos elencados a partir da ladainha de Nossa Senhora, quer seja na oração do Pai Nosso ou da Ave Maria, estes tem apresentado valores imprescindíveis no quesito variedade linguística, gêneros textuais e oralidade regional. Há também neste discurso a ideologia advinda da religiosidade, da crença em um deus, que se deve prestar culto através de dizeres que se representam ora como lamentos, outra hora como súplica e/ou agradecimento, de modo que se espera uma resposta de fé. Sob a ótica do discurso e do uso da língua, nota-se a variedade advinda da cultura, regionalmente se apresenta redução de palavras, trocas de vogais e entonações diferentes quanto a sílaba tônica e seu uso, constando também a possibilidade de comunicação e interpretação, entendimento e intenção do que se diz, onde o receptor compreende e participa efetivamente da conversa, reza e/ou cantiga.

Há ainda que considerar os cantos típicos da Folia de Reis e os relatos de seus foliões expressos nesta pesquisa, que fundamentam uma Análise de Discurso apreendida a partir da cultura e sua relevância e fundamentação na variação linguística e oralidade de tradição.

Assim, a Sociolinguística se constrói com suas vertentes e significações frente a uma pesquisa com vivência na prática cultural e religiosa da Folia de Reis na família Pereira da Cunha, no Distrito de São Vicente de Buritis – MG, cujo gênero discursivo apreende a importância e relevância de valores culturais e linguísticos entre gerações, transmitindo saberes que precedem o simples estudo da língua, considerando a necessidade de se compreender as múltiplas facetas de sua constituição.

## REFERÊNCIAS

- AMOSSY, A. **Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In Imagens de si no discurso: a construção do ethos, 2005** – Disponível em [www.lojahaggai.com.br](http://www.lojahaggai.com.br). Acesso em 05 Jul 2013.
- ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação.** São Paulo: Atlas, 2003.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso.** Por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAZERMAN, Charles. **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação.** Cortez Editora: São Paulo, 2005.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRAGA, R. S. *et al.* **A importância da Folia de Reis como tradição identitária do município de Canápolis – MG.** Revista da Católica, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 277-286, 2010 – Disponível em [catolicaonline.com.br/revistadacatolica](http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica). Acesso em 30/05/2011.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Folia de Reis de Mossâmedes.** Cadernos de Folclore nº 20. Rio de Janeiro: Arte-FUNARTE, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.
- CALDART, R. S. **Sobre Educação do Campo.** Por uma Educação do Campo: Campo–Políticas, 2008. Disponível em [http://www.ufes.br/educacaodocampo/down/cdrom1/pdf/ii\\_03.pdf](http://www.ufes.br/educacaodocampo/down/cdrom1/pdf/ii_03.pdf) . Acesso em 03 Ag. 2013.
- CARAGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo.** Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2006 Out-Dez; 15(4): 679-84.
- CARAGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. apud REZENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como Material de Pesquisa.** Campinas: Pontes Editores, 2006.

CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1998..

LUNAS, A. C. ; ROCHA, E. N. (Org.) **Caderno Pedagógico da Educação do Campo**. Brasília: Dupligráfica, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1995.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al.(org.) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro : Lucerna, 2002.

MEC apud TAFFAREL, C. Z.; et al. **Licenciatura em educação do campo: reivindicação dos movimentos sociais de luta e um desafio para a universidade**. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 6, p.31-49. jan./dez. 2007.

MELLO, M. T. F. N. (Org.). **Patrimônio Imaterial da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno**. Brasília: Petrobrás, 2005.

MOLINA, M.C.; FREITAS, H. C. A. (Org.). **Educação do Campo**. Em Aberto, Brasília, v. 24, n. 85, p. 1-177, abr. 2011.

NASCIMENTO, A. M.; SILVA, M. S. P. **A variação preposicional numa comunidade rural afro-descendente de Goiás e suas relações com a origem do português popular do Brasil**: deriva ou transmissão irregular? In: Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão. Anais eletrônicos do II Seminário de Pesquisa e Pós-graduação/II CONPEEX [CD-ROM], Goiânia: UFG, 2005.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLOFSSON, V. **As palavras de origem africana em O sumiço da Santa de Jorge Amado**. Institutionen för spanska, portugisiska och latinamerikastudier Examensarbete 15 hp/Kandidatexamen 180 hp Kandidatkurs i portugisiska 30 hp. Vårterminen, 2012

RANGEL, L. apud BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**. Por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

REZENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como Material de Pesquisa.** Campinas: Pontes Editores, 2006.

ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. **Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória.** Alea V. 7, n. 2. Julho-Dezembro, 2005.

SOARES, M. B. **Língua escrita, sociedade e cultura, relações, dimensões e perspectivas.** Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais Trabalho apresentado na XVII Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, outubro de 1995. Revista Brasileira de Educação, 1995.

TAFFAREL, C. Z.; et al. **Licenciatura em educação do campo: reivindicação dos movimentos sociais de luta e um desafio para a universidade.** Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 6, p.31-49. jan./dez. 2007.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo, Atlas, 1987.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração.** São Paulo: Atlas, 2000.

UNB, Universidade de Brasília. **Licenciatura em Educação do Campo.** Projeto Político Pedagógico do Curso. Brasília, 2009.

## APÊNDICES

### ENTREVISTA 1

-Boa tarde!

-Boa tarde!

- Desejando conhecer a cerca da Folia, uma tradição do noroeste mineiro, em Buritis – MG, pergunto: qual seu nome?

- Meu nome é Lucas Evangelista, conhecido por todos como Evangélico.

- A idade?

- 55, faço agora em outubro.

-Você se lembra como eram os festejos da folia antigamente?

-Mais ou menos. Na nossa região desde menino que eu via a Folia. Fui crescendo e entrando dentro da Folia. Eu fui criado dentro da Folia. De pai pra filho. A gente entende um pouco.

- Quantos eram os foliões?

- Eram 12, porque 12 são os apóstolos de Jesus. Agora, hoje põe 16, 22, 30. Mais o certo, que eu ouço falar aqui da região são 12.

- Qual é a característica do público que participa? Tipo idade, classe econômica, essas coisas.

- Ahhh... isso de idade, não importa. Depende da pessoa gostar, entender e respeitar as regras da Folia.

- Como era a organização da Folia, como era o giro? Como eles organizavam? Era de dia, de noite?

- Olha, esse período, isso vai do Imperador. Eu já vi Folia de Reis alvorear dia 25 de dezembro e terminar dia 6 de janeiro. Gira de noite e descansa de dia. A alvorada costuma ser na casa do Imperador e fazer o giro e entregar na casa do Imperador. O

mesmo que alvorou. Alguém da família pode pedir e entregar em outra coisa. Vai depender do Imperador. Vai da organização.

- E essa organização?

- É o chefe que vai dizer. Os contra-guias são muito importantes nisso.

- As músicas? São as da tradição ou tem de lazer?

- As músicas não. Não tem isso de lazer. As músicas são dos Reis ou do Divino. Às vezes os grupos não podem cantar outro tipo de música. Só catira, o lundu, o pião e a curraleira.

- E os instrumentos usados para essas músicas?

- A viola, o violão, a caixa, pandeiro, rabecão são os instrumentos principais da Folia.

- Aí, tinha alguma música, alguma coreografia, alguma dança especial?

- A curraleira, catira, o lundu, o pião.

- E as roupas, tinha alguma roupa especial? Vestimenta?

- Antes não. Isso não exigia. Tinha a toalhinha, a toalhinha, uma fitinha. Alguns usavam fitinha no bolso. Agora roupa naquele tempo não era exigido. Hoje é exigido. Tem uniforme, camiseta. A dos Reis é azul. Azul claro, ou azul marinho. Na do Divino é vermelha, fita vermelha e assim vai.

- O que você vê de importante na Folia para sua vida?

- Ora, pra mim é importante porque tenho fé, já vi muitos milagres; inclusive na minha família. Pra quem tem fé ela é muito importante. Agora pra quem não acredita e não tem fé precisa acreditar um pouco.

- Quanto a composição das músicas, eram os cantores, da bíblia ou outra coisa?

- Ora, pra dizer a verdade quem compôs a música, não conheci, não sei dizer. Pode ser da bíblia, pode ser de um antigo folião. O que sei é que já conheci as músicas dos grupos assim.

- Então tá. Essa era a entrevista, brigada.

- Obrigada você, boa tarde.

- Boa tarde.

## **ENTREVISTA 2**

- Fala seu nome.

- Coreolano Jesus. O que sei é de 50 anos, mais dos Reis e do Divino. A história que os Reis eram de países diferentes. E no eles conversarem eles estavam num pensamento sozinho. Belchior, Baltazar e Belchior foram até a gruta de Belém e levaram os presentes incenso, mirra e ouro. Dali pra cá veio a Folia de Reis. O menino Jesus agradeceu e consagrou a Folia. E os Reis saíram cantando pra enganar quem eles não sabiam. A Folia não foi criada do nada. Ela foi criada do Pai.

-Você se lembra como eram os festejos da Folia antigamente?

- Antigamente eram só adultos que participava. Hoje eu vejo que Cristo foi criança por isso todos participam.

- Quantos eram os foliões?

- Porque o Folião é criado pelo destino. Eu fui vendo a tradição que vinha e entrei nela. Aí eu aprendi sozinho, sem professor. Foi o destino que mandou.

- Como era a organização da Folia, como era o giro? Como eles organizavam? Era de dia, de noite?

- O giro funciona pelo seguinte: por um alferes que vai representar um mastro, uma bandeira, como é conduzida a bandeira do Brasil, depois vem 4 foliões que representam o hino, depois vem o caxeiro porque em todo conjunto monetário tem a bateria e depois vem os instrumentos pra mostrar a parte da corneta dos anjos tocada.

- Qual é a característica do público que participa? Tipo idade, classe econômica, essas coisas.

- Podem participar todas as idades, por causa do menino Jesus. Hoje a tradição ficou mais clara e isso é resgate, porque as crianças antes não tinham condição de tá lá.

- Como era a organização da Folia, como era o giro? Como eles organizavam? Era de dia, de noite?

- É o seguinte: As toalhinhas brancas que nós tem e que a gente põe em nós é um pedacinho do manto de Nossa Senhora que ela perdeu acompanhando a escolta de Cristo para a crucificação. Eles cortaram os pedacinhos e isso é que determina a divisa.

- A Folia que vocês passam?

- A que passo é de 4 vozes, mas tudo é uma só. É um louvor.

- As músicas?

É a história do que acontece com a pessoa, isso é currulareira. A cantira vem da mesma forma. Mas eram os anjos serafim que faziam o louvor, batendo os pés e as mãos. Tudo vem mesmo sentido. Se você não gostar de um, vai ter todos pra agradar cada um.

- O que você vê de importante na Folia para sua vida? Ela deve ser resgatada?

- Ela deve ser resgatada, porque ela é cultural. É importante porque já vi milagres na minha família.

- O senhor quer falar mais alguma coisa?

- Acho que não... Ah, quero sim. É preciso conhecer a divindade e a santidade. Essas duas partes são milagrosas e todas as duas são em conjunto, uma só.

- Quanto tempo essa Folia faz parte da família Pereira da Cunha?

- liiiiiiiiiiiii, aí tá igual a música. Mili e quatrocentos. Eu tô com 74 anos e desde sempre a família já tinha a tradição. Isso vem do meu pai, do meu vô.

